

REVISTA **BZZZ**



ANO 4 | Nº 48 | JUNHO DE 2017 | R\$ 12,00

PASSO DA PÁTRIA

À beira do Rio Potengi, a história do bairro fundado em homenagem à Guerra do Paraguai

MEMÓRIA

Anatália de Souza Melo Alves, jovem potiguar que lutou contra a Ditadura Militar e foi encontrada morta no Dops

REZA QUE CURA

MAU-OLHADO, COBREIRO E VENTO CAÍDO SÃO ALGUNS DOS MALES QUE TRATAMENTOS CONVENCIONAIS NÃO RESOLVEM. ESSE TRABALHO É PARA AS BENZEDEIRAS OU REZADEIRAS, QUE FAZEM PARTE DA CULTURA POPULAR DO RN. COM ORAÇÕES E PRECES, DEVOLVEM A SAÚDE MENTAL E ÀS VEZES ATÉ A FÍSICA

DE BIKE

Carol Emboava, a cicloturista que percorre a América Latina de bicicleta na Expedição Giramérica

BRASÍLIA

Mercado Público da capital federal, fundado pelo “JK dos bares”, reúne sabores do país inteiro

SAN JUAN

Província argentina onde estão os primeiros sinais da chegada aos Andes é convite de viagem a outro universo



ROGERINHO

O EMBAIXADOR DO FORRÓ

Faz Tempo

DÍSPONÍVEL NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

 iTunes

 Spotify

 DEEZER

 Google Play

 YouTube

Sua  Música



**O ARTISTA POTIGUAR QUE CONQUISTOU
MAIS DE 12 PAÍSES COM O SEU FORRÓ DE
QUALIDADE.**

**LEVE O SHOW DO EMBAIXADOR
DO FORRÓ PARA O SEU EVENTO**

ARTISTA EXCLUSIVO:


IDEARTE
PRODUÇÕES



SHOWS:
(84) 99414-0366



ROGERINHOEMBAIXADOR

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

TRANSPARÊNCIA
E ECONOMIA
PELO BEM DO
RIO GRANDE DO NORTE.

A gestão moderna da Assembleia Legislativa promoveu a **transparência**,
a economia de gastos e uma ampla **reforma administrativa** na Casa do Povo.
Graças à economia gerada pelo **corte de gastos**, a atual gestão ficou
abaixo do limite prudencial e pôde investir, com a **aprovação**
dos 24 deputados, em importantes ações em benefício da população.



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa



assembleiarn



www.al.rn.gov.br



É o Poder Legislativo dando a sua contribuição à Sociedade e trabalhando pelo bem-estar e o **Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.**

Viva tudo isso

♥ VIVA NATAL



*Viva onde as praias de águas mornas beijam o litoral.
Viva o pôr do sol no Parque da Cidade e o ar puro no
Parque das Dunas. Viva onde o Brasil inteiro tira férias e a
brisa agradável leva simpatia de um povo que quer paz.
Viva tudo isso. Viva Natal.*



vivanatal



vivanatal

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

SIMPLES: Hospital do Coração.

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br



XÔ, MAU OLHADO!

É BEM VERDADE QUE entre o céu e a terra existem mais mistérios que suspeita a nossa vã filosofia. Para uns, o poder da reza é um dom. Para outros, bruxaria. Sem certezas e preconceitos, uma coisa é certa: as benzedoras ou rezadeiras, com suas orações, fazem parte da cultura popular. No Rio Grande do Norte, várias senhoras e senhores têm na reza seu poder e são procurados por pessoas, de todas as origens, que buscam melhoras da mente, da alma ou do corpo. Muitas vezes, tudo junto. Mau olhado é a principal causa da procura. Na matéria, com texto de Rafael Barbosa e fotos de Cícero Oliveira, vamos conhecer algumas mulheres de reza forte. À Bzzz, o repórter comemorou a experiência e contato com a forma de cura pelo poder da oração.

Da fé a um passado sombrio, nesta edição também temos matéria sobre Anatólia de Melo Alves, potiguar presa durante o Regime Militar, que foi encontrada morta nos porões do Dops. Entre história e vida atual, fizemos um passeio pelo Passo da Pátria, bairro natalense que teve sua origem na Guerra do Paraguai e hoje é visto como sinônimo de violência.

Pelas ruas, da arte ao esporte. O movimento urban sket-chers, que mistura desenho, rua, pessoas e dia a dia, conversa nas páginas da revista com a calistenia, atividade esportiva que significa força e beleza. E por falar nesse segundo ponto, o editorial de moda mostra os óculos de grau, antes tão evitados, como acessórios fashion, e temos também matéria sobre maquiagem artística com uma potiguar que faz sucesso em São Paulo.

E também: turismo em San Juan, que fica na Argentina, mas tem paisagens de outro planeta; arquitetura com o charme dos studios; o mercado público de Brasília; curiosidades do fotógrafo João Neto, personagem certo nos eventos da capital do RN, e toda a pluralidade desta colmeia.

A todos, uma ótima leitura.

Alice Lima
editora-assistente

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
CAMILA PIMENTEL, CÍCERO OLIVEIRA,
MARINA GURGEL, MARKSUEL FIGUEREDO,
OCTÁVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA,
THEMIS LIMA, VÂNIA MARINHO,
WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
GANE COLODA

FOTOS
AUGUSTO CÉSAR, ANDREIA CARLA,
CÍCERO OLIVEIRA, IGNACIO GONZALEZ KIRBY,
JOÃO NETO, LAURA MAQUIA, PAULO LIMA,
SÉRGIO NOIZAT

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

A high-contrast, black and white close-up photograph of a man's face, focusing on his eyes, nose, and beard. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his skin and the intensity of his gaze.

**“EU NUNCA
BEBO
ANTES DE
DIRIGIR ”**

QUAL A DISTÂNCIA ENTRE O QUE VOCÊ DIZ



34 CLIQUES

João Neto, o fotógrafo dos eventos de Natal



60 Maquiagem artística

Quando as pinturas vão além dos padrões sociais e são transformações do corpo a partir do que se quer expressar

76 Óculos

De necessidade a acessório de moda, eles têm os modelos e cores mais diversos e compõem looks do trabalho a eventos especiais



82 STUDIOS

No editorial de arquitetura, dicas para studios que oferecem conforto e charme mesmo em pequenos espaços

40 Urban Sketching

A ideia da prática é usar o desenho para retratar ou reinventar o cotidiano





E O QUE VOCÊ FAZ NO TRÂNSITO?

Quando uma pessoa sofre um acidente nas ruas, avenidas e rodovias, todo mundo sai perdendo. As vítimas podem perder os movimentos do corpo e até as próprias vidas. O infrator pode perder dinheiro com multas, perder pontos na carteira, perder o direito de dirigir e até perder a liberdade. E os cofres públicos perdem milhões de reais, já que o Governo assume a responsabilidade constitucional sobre os casos de invalidez e morte no trânsito. **Portanto, não perca a sua palavra.**

Não vá na contramão daquilo que você acredita.

Seja coerente. Seja consciente. Vamos juntos fazer um trânsito com mais respeito e mais segurança para todos.

**SEJA COERENTE.
SEJA CONSCIENTE.**





ELIANA LIMA

QUEM SABE

Apesar de o prefeito de Natal Carlos Eduardo Alves (PDT) já ter afirmado que não pensa em renunciar ao cargo para disputar as eleições de 2018, fontes próximas a ele garantem que o Senado Federal ainda não saiu dos seus planos.



Divulgação

SININHOS

A atriz global passou o Dia dos Namorados na paradisíaca Praia da Pipa, no litoral sul potiguar. Nas mídias sociais, publicou foto ao lado de amiga, mas os olhares dos que a acompanharam o rosto famoso viram troca de muito carinho com um belo e misterioso rapaz.

PROTEÇÃO

É notório que a segurança de um governador é reforçada e conta com vários aparatos, principalmente nesses tempos de violência desmedida. E um deles a Abelhinha-Planaltiana captou que tem policial militar disfarçado de cozinheiro dentro da casa oficial, em uma capital brasileira.



Divulgação

É

Tudo em nome da segurança do chefe do Executivo, enquanto os que pagam a conta – contribuintes – ficam a mercê da insegurança geral da nação.

Elpidio Júnior



URNAS

O ex-vereador de Natal Bertone Marinho vai assumir o comando do PV do RN. A ida dele para a presidência do partido tem relação com 2018. Resta saber se ele mesmo será candidato ou sua irmã, a ex-deputada estadual Gesane Marinho.

SEM ESCOVAS

Já não estão mais juntos Danielle Cunha, filha do ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, e Rochinha, candidato a vereador por Natal. Até o término, a herdeira de Cunha seguia com frequência para capital dos magos-enamorados, para momentos com o love em restaurantes e recantos românticos da cidade.



Divulgação



JOIO E TRIGO

Interceptações telefônicas e apreensão de aparelhos de celular não estão revelando apenas esquemas de corrupção. Artimanhas dos prazeres carnais estarrecem. Tanto por ligações quanto por mensagens. Tantos, que até dificultam o trabalho das equipes de investigações para separar o que serve para os inquiridos e o que não passa de aventuras extraconjugais.

ONDAS

O Ministério das Comunicações autorizou a Vale Telecom Internet Ltda. a explorar o Serviço de Comunicação Multimídia, por prazo indeterminado, em todo o território nacional.

LUPAS

A Marinha do Brasil autorizou ao navio oceanográfico “Alpha-Crucis”, do Instituto Oceanográfico da USP, realizar investigação científica para captar implicações sobre as influências do homem no ambiente marinho. Avalia o potencial de acumulação de materiais derivados das atividades humanas na plataforma continental sul brasileira através do estudo de compostos orgânicos e metais depositados nas feições de “mudbelts” (depósitos lamosos alongados).



LADOS

PSDB e DEM continuam não se entendendo quando o assunto é o governo de Michel Temer. O DEM prefere continuar no apoio ao peemedebista por acreditar que o momento é crítico para mudança de novo gestor, enquanto os tucanos levam sobem a pressão para demonstrar paisagem de combatentes. Das malversações.

ARTICULAÇÕES

Presidente nacional do DEM, o senador potiguar José Agripino admite que existe divergência. Mas garante que é “leve”.

POUCA COISA

Ao que parece, o BNDES está apertando o caixa. Senão, vejamos: fechou parceria com a Fundação Nacional da Qualidade para patrocinar o “Congresso FNQ de Excelência em Gestão”, visando divulgar a marca, a imagem e a atuação do banco, além de promover relacionamento com seus públicos de interesse. O valor foge longe dos de outrora. Apenas R\$ 40 mil.

LEQUE

E o BNDES vai investir mais de R\$ 4,4 milhões na aquisição de solução de videoconferência, incluindo hardware, software, licenciamento de uso definitivo etc.

PREVENÇÃO

A Funpresp-Exe (Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Executivo) fará licitação para contratar seguro prestamista. A intenção é cobrir o risco de inadimplência de empréstimo em consignação, em decorrência da morte de participantes e/ou assistidos dos planos administrados pela fundação.



Jovem, mulher, revolucionária

Anatália de Souza Melo Alves: potiguar que lutou pelo fim da Ditadura Militar e foi encontrada morta no DOPS

Por Marina Gurgel

O ANO DE 1964 ficou marcado na história do Brasil pelo desencadeamento do Regime Militar, que abalou o percurso político e social do país. Esse período fez surgir grandes nomes de figuras revolucionárias pelo Brasil inteiro. Algumas tiveram mais destaque, outras são pouco lembradas. No Rio Grande do Norte, entre os nomes dos corajosos e corajosas que resolveram enfrentar o poder à época estava Anatália de Souza Melo Alves, que lutou incansavelmente pela volta da democracia.

A jovem Anatália nasceu no dia 9 de julho de 1945 em Mombassa, atual Frutuoso Gomes, no interior potiguar. Menina doce, tímida e cheia de sonhos, era sempre muito dedicada à família e aos estudos. Com apenas cinco anos de idade, mudou-se com a família para a cidade de Mossoró, onde continuou os estudos, cursou o ensino primário, o ginásio e concluiu o científico em colégio estadual. De família humilde e religiosa, o pai sempre pautou sua criação nos pre-



Anatália na infância: doce e tímida

ceitos do catolicismo. “Ela era um menina muito boa, nunca fez mal a ninguém, logo era muito bem criada, seu pai sempre a levava para a igreja. Eu me lembro que ela fez a

primeira comunhão lá na capela do Alto da Conceição”, lembra dona Aurélia Leite de Souza, mossoroense, bordadeira aposentada e grande amiga da família de Anatália.

De moça recatada à mulher revolucionária

Em 1966, um ano antes de concluir os estudos, Anatália conheceu o jovem bancário Luiz Alves Neto, por quem se apaixonou e começou a namorar. Dois anos depois,

em 1968, exatamente no período em que a Ditadura Militar ficou escancarada, casaram-se. Foi nessa época que a jovem começou a desenvolver o ofício de costureira, ainda leiga das

atividades políticas em que o marido estava inserido. No ano seguinte, após revelar para a esposa sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Luiz

partiu para Pernambuco, deixando-a na casa dos pais. Só depois Anatólia pôde juntar-se ao marido e iniciou sua trajetória como militante comunista.

Filiada ao PCBR, sob o pseudônimo de Marina, entre outros vários, Anatólia Alves contribuiu como figura atuante na representação feminina e na luta pelo fim da Ditadura Militar. No dia 13 de dezembro de 1972, ela, o marido e mais 17 militantes comunistas foram presos. Depois de pouco mais de um mês brutalmente torturados, em 15 de janeiro de 1973, foram levados para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), onde continuou a tortura.

“É muito difícil saber se eles foram presos pela denúncia de algum informante ou mesmo perseguição, porque naquela época a polícia tinha todos os dados da gente”, diz dona Albetiza Leite de Sousa Melo, cunhada de Anatólia. Conta que na época da prisão o casal vivia em Gravatá, Pernambuco, onde possuía certa influência, o que provavelmente pode ter contribuído para ficarem mais expostos. “Anatólia costurava até para a esposa de um delegado da cidade”.

Sete dias depois de serem levados para o DOPS, Anatólia foi encontrada morta em um banheiro, supostamente por suicídio, segundo a versão oficial. “Disseram que ela se enforcou com a alça da bolsa. Mas como é que pode, se quando uma pessoa é presa só vai com a roupa do corpo?”, questiona Albeci Loia de Melo, irmão de Anatólia.



A potiguar foi encontrada com queimaduras e marcas de choques, braço deslocados e hematomas



Aurélia Leite de A. Souza, bordadeira e amiga da Anatólia

Tortura

De fato, vários são os indícios que desmentem a versão oficial de que ela teria cometido suicídio. O corpo estava carbonizado, com queimaduras e marcas de choques na boca e partes íntimas. O braço fora deslocado e diversos hematomas espalhados por seu corpo. Em um laudo suspeito, diz-se que a alça da bolsa com a qual Anatália havia praticado suicídio não se rompeu. Em controvérsia, o corpo da jovem foi encontrado no chão. Ainda segundo dona Aurélia, o marido Luiz Alves, que escapou, reportou a ela que algumas vezes presenciou as torturas que faziam com sua esposa. “Apesar de tudo, ela foi muito forte, não se entregou fácil”.

A memória de Anatália Alves foi preservada em forma de homenagens. Em Mossoró existe uma rádio comunitária que leva o nome dela. A ex-vereadora Telma Gurgel, do Partido dos Trabalhadores (PT), conseguiu aprovar o nome de Anatália para uma rua da cidade. A Rua Anatália de Melo Alves localiza-se no bairro Paredões, no entanto, encontra-se em estado crítico, com alto índice de violência e entregue ao tráfico. Segundo ainda dona Albetiza, existe também uma rua no Rio de Janeiro que leva o nome da jovem, no bairro de Paciência, e também em Natal, no bairro Pla-

nalto; além de livros e artigos nos quais é citada. Em agosto de 2012, a Comissão da Verdade reabriu as investigações sobre a morte da

jovem potiguar. Posteriormente, o governo de Pernambuco foi indiciado pelo caso, indenizando os familiares da vítima.



Paredões, Mossoró-RN



Planalto, Natal-RN



Paciência, Rio de Janeiro-RJ

A photograph of a man with a mustache, shirtless and wearing pink shorts, sitting in a yellow boat on a beach. He is holding a fishing net in his right hand and another net in his left hand. The boat is on a sandy beach with other boats in the background. The sky is overcast with grey clouds. The water is calm and reflects the sky. The background shows a line of trees on a hillside.

À beira do Potengi

Uma das comunidades mais antigas de Natal, a do Passo da Pátria foi fundada durante a Guerra do Paraguai. Lugar de contrastes, costuma ser destaque pela violência, mas tem bela vista e muita história

Por Marksuel Figueredo



DOS 236 ANOS DA história do Passo da Pátria, Elza Maria Souza da Silva conhece de perto 55 deles. A dona de casa chegou à comunidade em 1962, aos 12 anos de idade. Veio com a mãe de Lajes Pintadas, município do interior do Rio Grande do Norte, tentar a vida na capital. Quando chegou ao Passo, lembra que encontrou uma comunidade sem água e energia.

“As condições eram precárias, as pessoas moravam em palafitas, em casas de papelão na beira do Rio Potengi. Aliás, o meu começo aqui também foi dessa forma, morei numa casa de papelão. Me lembro que quando precisávamos pedir alguma coisa emprestada ao vizinho, afastávamos o papelão e pedíamos”. Hoje Elza está com 67 anos, mora em uma casa de tijolos construída não mais à beira do rio. Tem água encanada e energia elétrica. A casa dela é uma das primeiras da comunidade, logo depois que se cruza a linha férrea, por onde o trem faz a sua primeira viagem logo nas primeiras horas da manhã.

Em quase seis décadas morando no Passo da Pátria, Elza construiu a vida na comunidade. Casou, teve quatro filhos. Um deles, Adalberto Souza, foi jogador de futebol profissional e vestiu as camisas de ABC, América e Alecrim, os três principais times da capital. Ele também jogou pelo São Paulo e até no Marrocos, na África, na década de 1980.

“Se fala muito da violência do Passo, mas aqui moram pessoas de bem, que construíram uma história longe das páginas policiais. Criei os meus quatro filhos nessa comunidade com muito orgulho. Foi aqui que fiz a minha vida, que conquistei com muito esforço a casa própria. Eu acho maravilhoso morar no Passo”, celebra.



“

As condições eram precárias, as pessoas moravam em palafitas, em casas de papelão na beira do Rio Potengi. Aliás, o meu começo aqui também foi dessa forma, morei numa casa de papelão. Me lembro que quando precisávamos pedir alguma coisa emprestada ao vizinho, afastávamos o papelão e pedíamos.”

Elza Maria Souza, moradora



Lugar de contrastes, mistura história e bonita paisagem com violência e construções precárias



A posição geográfica da comunidade favoreceu o desenvolvimento do comércio na capital potiguar



O que nem todo mundo sabe

A comunidade, que teve os seus primeiros habitantes ainda no século XVIII, guarda histórias e curiosidades que poucas pessoas conhecem, a começar pela origem do nome. O historiador Carlos Magno de Souza conta que a denominação ‘Passo da Pátria’ está ligada à Guerra do Paraguai, quando Brasil, Uruguai e Argentina se uniram e declararam guerra ao país de Solano López, na segunda metade do século XIX.

“Muitos voluntários saíram de Natal para compor as forças armadas. Eles foram para guerra e ajudaram a entrar em solo paraguaio pela província de Corrientes, na Argentina. Quando eles ocuparam esse espaço, o presidente da província aqui no Brasil, José Olinto Meira, denominou a nossa comunidade de ‘Passo da Pátria’, em uma homena-

gem a essa ocupação. O Passo com dois ‘s’ significa movimento, seguir adiante”, explica Carlos Magno.

Pela posição geográfica, o Passo da Pátria recebeu a primeira feira livre da capital. A comunidade é banhada pelo Rio Potengi e isso favoreceu o desenvolvimento do comércio muito cedo nessa parte da cidade. O historiador diz que as mercadorias chegavam pelo rio para serem comercializadas na capital. “O Passo foi o entreposto do comércio de Natal. As mercadorias chegavam pelo Rio Potengi, vindas de Extremoz, Barreiros e outras localidades. Aqui mesmo elas começavam a ser comercializadas na feira, que geralmente acontecia aos sábados. Depois, parte subia para a Cidade Alta. O Passo da Pátria no final do século XIX já tinha essa vida econômica movimentada”.



Carlos Magno também morou no Passo da Pátria, durante 15 anos. Chegou à comunidade ainda adolescente, em 1981, e diz que as vielas que compõem a arquitetura do local vão além do que a sociedade enxerga depois da linha do trem. “O fato de retratarem essa comunidade apenas como sinônimo de violência me incomodava, até porque isso não é verdade. O Passo da Pátria formou artistas, servidores públicos, jogadores. O gol do acesso do América à Série A do Campeonato Brasileiro em 1996 foi marcado por um filho do Passo, o zagueiro Carlos Mota. Isso

nos orgulha muito. São pessoas que se destacaram na comunidade e que não podemos esquecer”.

E foi justamente para não esquecer essas pessoas e essas histórias que Carlos Magno lançou em 2014 o livro *Passo da Pátria: um lugar de memórias*. São 177 páginas que retratam a história de uma das comunidades mais antigas de Natal. Ele começou a escrevê-lo na graduação do curso de História, inspirado na poesia de Palmyra Wanderley – poeta potiguar precursora do jornalismo feminino no Estado, que também escreveu sobre o Passo.

“

O fato de retratarem essa comunidade apenas como sinônimo de violência me incomodava, até porque isso não é verdade. O Passo da Pátria formou artistas, servidores públicos, jogadores. O gol do acesso do América à Série A do Campeonato Brasileiro em 1996 foi marcado por um filho do Passo, o zagueiro Carlos Mota. Isso nos orgulha muito. São pessoas que se destacaram na comunidade e que não podemos esquecer.”

Carlos Magno, historiador

No livro, o historiador mergulha na oralidade dos moradores mais antigos do Passo da Pátria. Carlos conta que ouviu de perto pessoas como o seu Benedito Plácido Belarmino, de 87 anos. O comerciante aposentado vive na comunidade há mais de 50 anos. Trabalhou durante boa parte da vida no Mercado das Rocas, vendendo frutas e verduras. Hoje, leva uma vida tranquila. Diz que só cruza a linha do trem quando tem algo para resolver na Cidade Alta. “Minha vidinha é essa aqui. Gosto do Passo, gosto de puxar minha cadeira e colocar na calçada no fim de tarde para contemplar o vai e vem das pessoas”, diz seu Benedito.



Benedito Plácido Belarmino, aposentado, vive há mais de 50 anos na comunidade



Trilhos por onde passa o trem já nas primeiras horas da manhã



Em 2005, o Passo passou pelo processo de reurbanização

“

Não nasci aqui, moro no Passo faz 26 anos, mas é como se fosse uma vida inteira. É graças às águas do Rio Potengi que tiro o meu sustento e da minha família. É onde eu jogo a minha rede, pesco e vendo o peixe fruto do meu trabalho na feira das Rocas. A comunidade me abraçou.”

Francisco de Assis da Silva, pescador

Enquanto o aposentado contempla o vai e vem das pessoas na viela onde fica sua casa, o pescador Francisco de Assis da Silva, 51 anos, contempla o vai e vem das águas no Rio Potengi. É assim todo dia. Pescador desde os nove anos, ele herdou do pai essa paixão. “Tenho o privilégio de morar de frente para o meu trabalho”, diz Francisco, rindo. A casa dele fica de frente para o rio. “Não nasci aqui, moro no Passo faz 26 anos, mas é como se fosse uma vida inteira. É graças às águas do Rio Potengi que tiro o meu sustento e da minha família. É onde eu jogo a minha rede, pesco e vendo o peixe fruto do meu trabalho na feira das Rocas.





A comunidade me abraçou”. Um abraço de aproximadamente oito mil pessoas, hoje a população do Passo da Pátria.

Em 2005 essas pessoas passaram a viver com mais dignidade depois de um processo de reurbanização. A Escola Municipal Mareci Gomes foi erguida na comunidade, ruas foram calçadas. O Passo da Pátria tem hoje posto de saúde, creche, e no local onde funcionava a feira livre, em meados do século XIX, está instalada a Escola Estadual Passo da Pátria, construída na gestão do então prefeito Djalma Maranhão, dentro da campanha ‘De pé no chão também se aprende a ler’, na década de 1960.

“As coisas estão bem melhores do que no meu tempo”, lembra dona Elza, aquela que falamos no começo da reportagem. Mas ela completa. “Ainda é preciso fazer mais por essa comunidade, é preciso um olhar diferenciado”. São desafios que os moradores estão enfrentando dia após dia.

Diário de uma cicloturista

Duas blusas, bandeira do Brasil e coração que pratica todos os dias o desapego são os itens indispensáveis na viagem pela América do Sul da ciclista Carol Emboava

Por Nicole Biggi Lemes

Fotos: Cícero Oliveira e arquivo





Carol Emboava no deserto do Atacama, Chile

“AGORA FALTAM SÓ TRÊS mil quilômetros”, começa Carol Emboava, que já pedalou 16 mil quilômetros desde que saiu da sua cidade natal, Taubaté, São Paulo, para dar vida ao sonho de viajar e conhecer a América Latina de bicicleta. Há quase quatro anos nascia a expedição Giramérica. A cicloturista conta que desde os 18 anos sentia vontade de fazer viagens longas sob duas rodas, chegou a se preparar para um percurso mais distante, mas seus planos foram barrados por um problema no joelho. “Eu fiz uma cirurgia e meu médico disse que nunca mais eu poderia subir em uma bicicleta. Fiquei arrasada, daí, dez anos depois, um amigo me emprestou a dele e ali eu senti toda a vontade que tinha de voltar”, conta a nutricionista e professora de educação física para crianças, que, tomada pelo espírito aventureiro e livre, deixou o emprego e traçou seu rumo.

“A vontade de conhecer, de ser livre e de me mexer foi o que me motivou a criar o Giramérica. Eu li alguns livros que contavam como era fazer uma viagem desse porte e me inspirei a programar a minha. Então, juntei dinheiro para o que seria apenas um ano de viagem e organizei meu percurso”. Carol viajou sozinha dentro e fora do país, percorreu Chile, Argentina, Uruguai e comenta que é o tipo de desafio que requer planejamento e desprendimento e por isso não é todo mundo que pode abdicar de um ano ou mais para se aventurar. “As coisas têm que encaixar como uma engrenagem, porque às vezes você tem dinheiro mas não tem tempo, ou tem tempo mas não tem dinheiro. Às vezes você tem os dois mas tá num relacionamento e não quer deixar. Então, quando encaixou tudo na minha vida, eu com quase trinta anos parei e pensei: se eu não for agora eu não vou mais. Só que é difícil ter alguém que esteja nesse mesmo momento. Acabei decidindo ir sozinha”, conta Carol.

Apoios e dúvidas

A ciclista comenta que sua mãe e seus amigos deram muito apoio tanto antes quanto durante a viagem. “Quando contei, ela não acreditou, achou que era mais uma das minhas ideias malucas, assim como ter aulas de saxofone, algo assim. Com o tempo eu fui comprando o equipamento e organizando as coisas, aí ela percebeu que era sério. Para ajudá-la a entender o processo eu comprei o livro Tri-

lhando Sonhos, do Thiago Fantinatti. Ele tinha feito uma viagem pela América do Sul, um roteiro muito parecido com o meu. Percebi que minha mãe tinha as mesmas dúvidas que todo mundo tem: onde você come? Onde você dorme? E foi legal porque ali ela pôde conhecer as coisas boas e ruins que acontecem numa viagem”.

Carol também lembra que o início foi bem difícil emocional-

mente, acreditava que não conseguiria seguir viagem e também se cobrava para que conseguisse ir mais rápido ou chegasse mais longe. “Eu sinto saudade sempre, mas com seis meses de viagem eu quis desistir. Meus amigos fizeram uma vaquinha e me levaram para casa. Eu precisava daquela energia. Passei 15 dias com minha mãe e meus amigos. Me senti restaurada para continuar”.



Chegando a Natal (RN), a cicloturista completou 16 mil quilômetros de pedaladas

Além disso, Carol Emboava teve que se acostumar a rotinas diferentes em cada ponto que passou. “Aqui no Nordeste brasileiro eu tive que mudar bastante a minha forma de viajar. Eu odeio acordar cedo, mas aqui não tem o que fazer, tenho que sair cedo por causa do calor”, relata e lembra também que ao viajar para fora do Brasil não sabia falar espanhol, o que foi um entrave no início do percurso, porém, aos poucos, aprendeu o idioma. “Quando saí do Brasil o primeiro lugar que

eu passei foi o Uruguai e eu não falava uma palavra de espanhol, achava que o ‘portunhol’ já resolvia. A fronteira que separa os dois países é a Avenida Brasil. Quando você atravessa a rua ninguém mais fala português e é desesperador. Imagina você querer comprar uma água e não saber pedir? O bom de viajar sozinha é que você aprende”, detalha lembrando que mesmo com essa dificuldade do idioma as pessoas foram muito receptivas em todos os países em que esteve.

“Viajar não é só saber chegar nos lugares, comer, dormir, se hospedar, comprar coisas, é você interagir com as pessoas. Então, você precisa ter momentos sociais, você precisa bater papo, dar risada, chorar e fazer essas coisas em outro idioma é difícil”. Nesse sentido, o fato de ser extrovertida foi um poderoso aliado para a professora, o que possibilitou que fizesse boas amizades ao longo da sua rota. “Eu posso viajar de novo pela América do Sul quase inteira que eu sei que tenho lugar pra ficar”.



Os terrenos íngremes foram presença constante durante a passagem pelo Chile



Em solo boliviano,
Carol percorreu a maior
planície de sal do mundo

Não dá pra ser introvertida

Além do mais, seu jeito espontâneo também é trunfo na hora de conseguir lugares para se hospedar. “Nesse último caminho que eu fiz estava no distrito de Guamaré (RN), a cidade era Baixa do Meio, e tinham três pousadas. Duas estavam lotadas e a que sobrou era cara para o meu orçamento, custava R\$ 50. Esse dinheiro eu gasto em dois dias com hospedagem e alimentação. Fui para as minhas outras alternativas. Tem bombeiro? Não. Tem quartel? Não. Escola e prefeitura fechadas porque era fim de semana. Eu sentei na escadinha da pousada e falei para a gerente ‘olha, eu vou passar uma meia hora aqui usando sua WiFi para pensar no que eu vou

fazer. Vou colocar na internet e ver se aparece algum anjo na cidade’, brinquei com ela. Daqui a pouco ela voltou e perguntou, ‘Você dorme de rede?’ Eu falei que sim e ela disse que eu podia ficar na casa dela. Não dá pra ser introvertido, pois assim as coisas não acontecem”.

Desde que começou a planejar a viagem, Carol evitou procurar muito sobre os lugares que iria, porque tinha receio de criar expectativa e se decepcionar. “Minha forma de vivenciar essas experiências mudou minha perspectiva desses lugares. Mas eu entendo, se você vai pra Natal e não conhece os pontos turísticos é como não ir, porque o tempo é limitado. Então

é natural você criar um roteiro de lugares para conhecer. Mas eu não tenho essa obrigação com o tempo. Hoje em dia eu não priorizo muito conhecer os pontos turísticos, eu me importo mais em conhecer as pessoas. Não faço questão de conhecer a praia, gosto de ver a beleza daqueles que ali moram”. Mesmo tendo esse pensamento, a ciclista se rendeu a tirar a famosa foto sem roupas no Salar de Uyuni, na Bolívia, um hábito lançado por uma campanha de marketing de uma marca de roupas que estimulou diversos ciclistas que passam por ali a fazer o mesmo “é um lugar completamente deserto e permite que a gente se liberte”, diz Carol.

Um amor em cada porto e outros riscos

Sendo uma andarilha tão simpática e expansiva, Carol Emboava comenta que chegou até a ter alguns *affairs*, mas que nenhum deles foi uma grande paixão. “Um amor em cada porto”, brinca. “Ninguém me provocou uma paixão que me fizesse desistir. Acho que me programei pra não dar chance ao acaso, porque não sei como seria eu gostar de alguém a ponto de não querer continuar a viagem”.

Com bom humor, Carol

comenta que tem mais medo de barata do que das possíveis situações de perigo que a estrada possa oferecer, mas que mesmo assim não passou por nenhum momento de tensão ao longo desses anos, pelo contrário, sempre teve muitas pessoas que vieram em seu auxílio, como conta de um episódio em particular. “Eu estava no Deserto do Atacama numa travessia de quatro dias, fazendo uma média de 100 km por dia, 12 horas de pedaladas, e eu vi um carro para-

do no acostamento. Já fiquei imaginando o que ele queria. Quando eu estava me aproximando ele saiu do carro, abriu o porta-malas e levantou uma garrafa de água e outra de energético. Eu cheguei quase abraçando e falei ‘você caiu do céu’. Aquele energético veio no momento mais oportuno possível”, lembra, rindo da situação. Completa dizendo que a maior parte das pessoas que passa na estrada é curiosa. Elas querem ajudar com água, comida ou tirar foto.



Na Salar de Uyuni, sudoeste da Bolívia, Carol posa nua como tantos ciclistas que já passaram por ali

Os custos das pedaladas

Para se manter no percurso por quase quatro anos, a ciclista parou em alguns lugares para trabalhar e juntar dinheiro. “Eu saí com planejamento financeiro para um ano de viagem. Quando estava com mais ou menos uns três ou quatro meses, achei que esse tempo era pouco para o que eu queria. Então pensei que poderia parar no caminho, trabalhar e financiar a viagem por um pouco mais de tempo, só que eu não imaginava que fosse tanto”.

Não foi tão fácil. Ela conta que juntar dinheiro e morar num lugar que é não é a sua casa gera custos mais altos. Então basicamente durante esse tempo Carol viajou por seis meses e trabalhou por seis meses para conseguir manter-se. “Eu comecei a parar e trabalhar em lugares turísticos, principalmente no inverno. Nessa época é mais difícil viajar por causa do equipamento e do frio. Alguns lugares você fica ilhado, neva muito e não tem como sair. Até tem, mas você tem que ser bem corajosa e nessa parte não dá porque eu sou bicho tropical”, brinca e declara que, por estar numa viagem em que pratica o desapego todos os dias, evitou assumir funções que poderia fazer em Taubaté. Trabalhou como babá, vendedora em agência de turismo e até guia em lugares que nunca tinha ido. “Lá em Ushuaia, na Argentina, eu tive que me virar. Me colocaram numa van cheia de brasileiros a fala-

ram ‘vai!’, e eu fui. Foi bem interessante. Trabalhei em um monte de coisa, é gostoso para expandir os horizontes, sair um pouco da minha área, quanto mais diferente pra mim é melhor”.

Para aguentar os 19 mil quilômetros em cima da bike que pesa 50 quilos, é preciso levar apenas o essencial. Carol comenta que teve que deixar todo seu lado “mulherzinha” e manter a bagagem o mais básica possível. “Eu tinha duas camisetas de mangas compridas, que é o que eu preciso, me deram mais duas em Fortaleza (CE) e eu pensei: ‘eu vou ter que dar duas, porque o que eu vou fazer com quatro camisetas? Eu não tenho tempo de usar. Passo a semana inteira com uma, lavo e no dia seguinte está seca. Então é uma semana do azul e outra do amarelo”, brinca. “Aqui é muito mais tranquilo porque não preciso de roupa de frio. Então eu levo saco de dormir, um lençol e alguns equipamentos eletrônicos, além de comida e água, claro”.

Em sua rota pelo Nordeste, Carol adorou a sensação de dormir de rede, tanto que comprou uma para levar consigo. “Quando eu chegava aos lugares e montava minha barraca eu me sentia muito turista e acho que isso cria um distanciamento com as pessoas. Hoje em dia, quando eu chego de rede é só mais uma rede. Coloco em qualquer lugar e sinto uma proximidade desde que eu adquiri a minha”, explica, descontraída.



Em Natal, trouxe apenas duas blusas na bagagem

“

Eu saí com planejamento financeiro para um ano de viagem. Quando estava com mais ou menos uns três ou quatro meses, achei que esse tempo era pouco para o que eu queria. Então pensei que poderia parar no caminho, trabalhar e financiar a viagem por um pouco mais de tempo, só que eu não imaginava que fosse tanto”.

Carol Emboava, ciclista

Em qualquer lugar

Carol acredita que de 2013 para cá o que mais aprendeu foi praticar o desapego. “Às vezes eu chego aos lugares, faço grandes amigos, mas eu tenho que ir embora. No começo eu chorava muito, hoje falo que endureci um pouco. A gente só sente saudade do que é bom. Gosto de sentir essa peninha

de ir embora, significa que foi bom. Esse desapego emocional tanto das pessoas que eu conheci quanto por estar longe de tudo aquilo que me é familiar é uma prática constante. Eu aprendi a me sentir em casa em qualquer lugar”.

O próximo destino ainda não foi definido. A cicloturista tem

um diário com anotações pessoais que darão origem a um livro e no processo de escrita ela pretende passar um ano revisitando em suas memórias os saudosos lugares. “Assim como eu me inspirei lendo sobre cicloturismo eu quero que outras pessoas também se inspirem ao lerem sobre a minha viagem”.

Carol visitou vários lugares icônicos na América Latina, como a Via Panamericana, no Chile



O fotógrafo

Profissional que é sinônimo da cobertura de eventos em Natal, João Neto conta como começou, aos 13 anos, e como está a atividade em tempos de smartphones

Por: Marksuel Figueredo

Fotos: Arquivo pessoal





AOS 13 ANOS DE idade João Neto já tinha trocado a bola pela câmera de fotografar, mas isso ele nunca considerou hobby. “Era trabalho mesmo”, lembra. Enquanto as crianças batiam peladas no fim de tarde em Natal, Rio Grande do Norte, o destino dele era a Lagoa de Manoel Felipe, no bairro do Tirol. O espaço que hoje abriga a Cidade da Criança na década de 1970 já era visitado por famílias em busca de ar puro e lazer para meninada. “O contato com a natureza era muito próximo. As pessoas adoravam ir pra lá porque era possível ouvir bem o cantar dos pássaros, tinham os macacos e a criançada, principalmente, adorava aquilo”, recorda.

Essas são as primeiras e mais antigas lembranças do menino fotógrafo que descobriu desde cedo o poder eterno que um retrato tem. “Uma vez registrado, fica para sempre. E talvez, ou melhor, com certeza, isso foi o fio condutor da minha carreira”, declara. À época, João Neto ganhava o que ele chama de “dinheirinho” com cada registro na lagoa, com cada expressão de felicidade eternizada junto ao pôr-do-sol em um cenário inspirador.

O amor pela fotografia foi herdado dos dois irmãos. O mais velho foi quem deu a força responsável pelo começo de tudo. Uma Yashica Mat foi a primeira máquina fotográfica de João Neto, presente do irmão Roberto. A máquina tira apenas 12 fotos, mas com uma qualidade excelente. “Para os padrões da época, a imagem dela era excepcional e ainda hoje posso dizer que é. Essa máquina eu a carrego comigo até hoje pelo valor sentimental que tem. É o meu começo na fotografia e a lembrança que tenho do meu irmão comigo”, diz.

Depois da Yashica Mat vieram outras câmeras, inclusive da mesma marca - ter mais de uma era uma questão de necessidade. João Neto lembra que o fotógrafo nunca podia andar apenas com uma única máquina, sob o risco de ficar em apuros ou literalmente na mão em meio a um evento. “Se você ia fazer um casamento apenas com uma máquina, era capaz de faltar o filme na hora da entrega das alianças”, brinca. “Então eu sempre andava com duas”.



João Neto com sua Yashica Mat, primeira máquina fotográfica que ganhou de presente do irmão Roberto

Ganhando espaços

Da Lagoa Manoel Felipe, o fotógrafo ganhou espaço nas quadras do Colégio Marista. João Neto morava pela redondeza e costumava andar pela escola. Como bom profissional, fez contatos e não demorou muito para se tornar o fotógrafo dos eventos da instituição. “As pessoas me procuravam na festa de São João para fazer as fotos. Eram momentos felizes. Elas queriam guardar as recordações e como eu já frequentava o Marista comecei a fotografar lá também. Tinha o São João, os jogos olímpicos da escola. Se aparecia a oportunidade, eu estava lá”.

Nesse tempo todo, o menino amadureceu, investiu na carreira e se profissionalizou. Já se passaram quase quarenta anos, para ser mais exato, trinta e nove. João Neto nunca buscou se especializar em nenhum tipo de fotografia, mas a vida o encaminhou para a cobertura de eventos.

“É onde eu me sinto bem. No geral, nos eventos só nos deparamos com situações de felicidade. Gosto disso”, diz, relembrando um fato que reforça a escolha. “Nos meus 39 anos de carreira, por duas vezes me vi em uma situação desconfortável. Fui chamado para fotografar dois velórios. Como não poderia ser diferente, o clima era péssimo. Parei, pensei comi-

go mesmo o que estava fazendo ali, que tipo de recordação estava eternizando”. João Neto sempre faz questão de lembrar que a fotografia eterniza um momento.

Decidido, ele mergulhou de cara nas escolhas que fez para vida. Sempre estive na noite, desde cedo, mas quase nunca para

“

É onde eu me sinto bem.

No geral, nos eventos só nos deparamos com situações de felicidade. Gosto disso”.

aproveitar. Aos 17 anos, os finais de semana eram certos na corrida Boate Apple, no bairro de Ponta Negra, na zona sul de Natal. João Neto conta que a mãe precisou assinar uma espécie de documento de emancipação para que pudesse entrar sozinho na casa noturna e fotografar.

“Ricardo Bezerra era um

dos gerentes da boate e entendeu o meu lado, a minha vontade de trabalhar. Com esse documento de emancipação eu podia entrar e fazer o meu trabalho sem correr o risco de ser barrado em uma fiscalização. Fiz muitas fotos da sociedade natalense na década de 80 para a coluna de Jota Epifânio e Jota Oliveira. Existia um caderno na Tribuna do Norte chamado ‘Transa Jovem’, que era destaque semanal no jornal, onde a sociedade se via. Esse caderno fez muito sucesso na Tribuna durante anos e eu emplaquei muitas fotos nele”.

O jornalismo social e a cobertura em grandes eventos sempre estiveram muito presentes na carreira de João Neto. Já são mais de duas décadas de Carnatal, evento que ele faz questão de cobrir todos os anos. E nas histórias de carnatais do “folião trabalhador” é claro que o destaque não é atrás do trio, no corredor da folia, embalado pelo som do cantor A ou B. Ainda na década de 90, quando o evento era realizado pelas ruas do bairro Tirol, João Neto recorda um momento que marcou a carreira dele, e ao mesmo tempo o fez refletir sobre as escolhas simples da vida, os valores guardados preciosamente no tempo, nesse caso, em um estúdio de fotografia no centro da cidade.

“Não vou me recordar o ano exato, mas acredito que foi na quarta edição do Carnatal. Eu estava com duas máquinas elétricas novinhas. Cheguei cedo para cobrir o evento e quando os trios começaram a tocar, cadê? Fiquei na mão. Quebrou uma e logo depois a outra. Achei que não era possível aquilo acontecer, mas não tinha o que fazer. O evento já tinha começado e precisei correr no meu estúdio, que ficava na Rua Felipe Camarão, no centro da cidade. Lá, peguei uma das minhas máquinas mais antigas, da década de 60. Já era uma máquina velhinha para a época, mas as fotos ficaram ótimas”.

Hoje ele se diz realizado com a escolha da profissão. A fotografia permitiu, e ainda permite, a João Neto uma viagem pelo íntimo de cada pessoa que ele mira a câmera e bate o flash. Um bom fotógrafo, como ele mesmo costuma dizer, precisa ter sensibilidade e paciência para registrar sempre o melhor momento, o melhor ângulo. “É bom quando alguém pega uma foto minha e se identifica com o que vê, relembra um momento marcante, especial. Lembra, né? A fotografia tem o poder de eternizar um momento. Sou feliz e realizado com as minhas escolhas, faria tudo de novo”, declara.

“

É bom quando alguém pega uma foto minha e se identifica com o que vê, relembra um momento marcante, especial”.



O boom dos smartphones

Não é de hoje que os smartphones vêm roubando a cena no cenário nacional quando o assunto é tecnologia e comunicação. Levantamento da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgado pelo IBGE mostra que desde 2015 os aparelhos ultrapassaram os computadores e se tornaram os preferidos dos brasileiros para se conectarem à internet. São dispositivos cada vez mais modernos, com câmeras de alta resolução que, muitas vezes, acabam sendo usados em eventos pelos seus próprios donos, dispensando assim a figura do tradicional fotógrafo. É o que se pode chamar de “alto colunismo”.

João Neto diz que sente o impacto da tecnologia. “Eu percebo que com um smartphone na mão todo mundo se sente um pouco fotógrafo e isso de fato reproduziu uma queda no mercado. Um exemplo prático: se antes um casal fazia o aniversário do filho de um a dez anos e contratava um fotógrafo, digamos que hoje não é mais assim. Ele contrata um profissional para fazer as fotos do primeiro aniversário, dos cinco anos e o de dez. Os demais, a família mesmo bate as fotos de smartphones”.

Mas João Neto acredita que a tecnologia veio, acima de tudo, para melhorar o ramo da fotografia. Para

ele não há dúvidas de que a imagem melhorou e que até mesmo com o smartphone é possível fazer uma boa foto. “Você tem sempre que saber usar a mudança ao seu favor. Hoje com o meu celular agendo muitos dos meus trabalhos através do WhatsApp. No final das contas, sempre vai chegar aquele momento que você vai querer um trabalho profissional. Sigo com os meus eventos”.

“

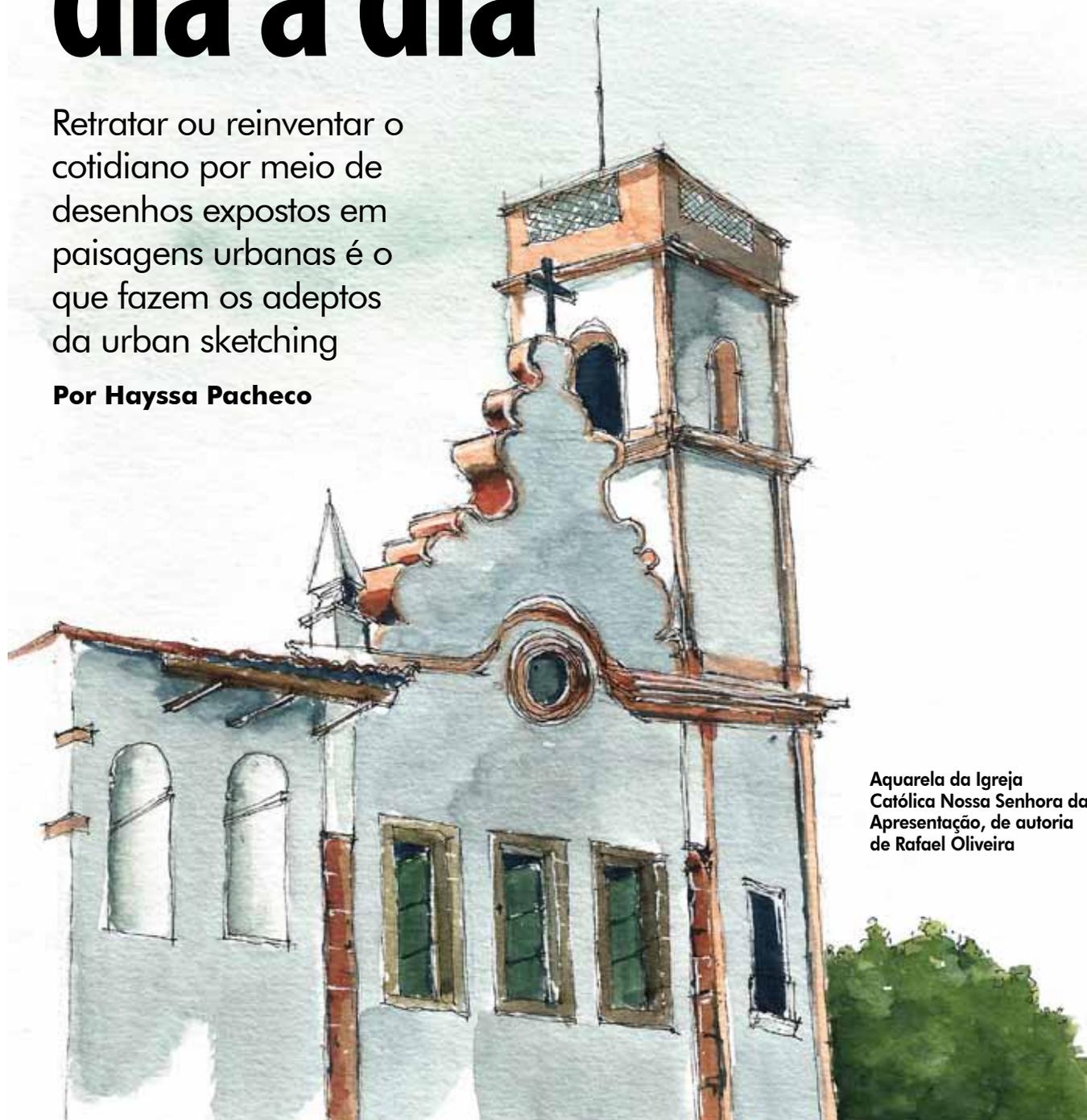
Eu percebo que com um smartphone na mão todo mundo se sente um pouco fotógrafo e isso de fato reproduziu uma queda no mercado”.



Desenhos do dia a dia

Retratar ou reinventar o cotidiano por meio de desenhos expostos em paisagens urbanas é o que fazem os adeptos da urban sketching

Por Hayssa Pacheco



Aquarela da Igreja Católica Nossa Senhora da Apresentação, de autoria de Rafael Oliveira

FACHADAS MARCADAS PELO TEMPO, prédios históricos dividindo a paisagem das calçadas com o vai e vem das pessoas. No canteiro, a presença exuberante das árvores. Cenas como essas são a matéria-prima dos praticantes do croqui urbano, atividade que recentemente também ficou conhecida como *urban sketching* e que ganhou vários adeptos em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Portanto, não ache estranho se estiver se deslocando pela cidade e encontrar em seu caminho um grupo com pranchetas na mão, traduzindo em linhas o que os olhos enxergam.

A prática de desenhar as cenas cotidianas para registrar cidades e cenários de viagens sempre faz parte do ofício de artistas e arquitetos, mas o *urban sketching* trouxe novos elementos para esse universo, como as reuniões periódicas para exercitar a arte e o auxílio das redes sociais para divulgar as produções.

Embora o desenho seja o ponto de união dos praticantes, na capital do sol eles estão organizados no Coletivo Urban Sketchers Natal, que é coordenado por quatro amigos: Rafael Oliveira, Clewton Nascimento, Petterson Dantas e André Alves. O papel do

coletivo é basicamente garantir que seja cumprido o manifesto idealizado pelo fundador do movimento no mundo, o jornalista espanhol Gabriel Campanario. O manifesto aconselha que os desenhos de observação sejam feitos *in loco* para refletir a realidade, não pode haver o auxílio de fotografias ou imagens congeladas. Os praticantes podem utilizar qualquer técnica ou material e a produção deve ser compartilhada na internet.

“Os desenhos de observação nos conectam com o local. É uma maneira de se apropriar da cidade onde moramos, de prestar mais atenção e conhecer um pouco mais esses locais”, explica o arquiteto Rafael Oliveira, um dos coordenadores do coletivo. Ele descobriu o movimento por meio de pesquisas na internet, pouco depois conheceu Clewton Nascimento, que era seu professor na universidade e também flertava com o movimento. Assim nasceu o coletivo, em 2012. “Rafael já era correspondente aqui antes do grupo se consolidar”, lembra Clewton, arquiteto cearense que veio para Natal em 2011, após passar no concurso para professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Da esquerda para direita:
Rafael Oliveira, Petterson Dantas,
André Alves e Clewton Nascimento

Não precisa ser profissional

O primeiro encontro do coletivo contou apenas com a presença dos dois. Aos poucos, o movimento foi reunindo outros participantes, se estruturando e hoje a página do Facebook já ultrapassa 500 membros. Os encontros do coletivo são mensais, o local e a data são divulgados pelo Facebook. Vários pontos da cidade já foram visitados, como a Ribeira, Ponta Negra, Centro Histórico, Parque da Cidade, entre outros. Eles também já começaram a se expandir para cidades próximas, como Ce-

ará-Mirim. “Para o morador faz muita diferença participar de um movimento desses, a gente percebe com mais facilidade como a cidade se expressa”, diz Rafael. “O nosso objetivo maior é sair para desenhar, mas a prática da observação nos mostra o cotidiano do lugar”, complementa Clewton.

Em 2016, o coletivo passou a integrar um programa de extensão da UFRN, que apoia algumas ações. O grupo também promove, uma vez por ano, oficinas de desenho e a exposição do material

produzido ao longo do ano. Para integrar o coletivo não é preciso saber desenhar e nem ter um talento específico, “não é a dimensão artística que predomina. Tem pessoas, como Rafael, que fazem aquarelas belíssimas, mas o interessante é que o grupo não é formado apenas por pessoas que têm relação próxima com essa arte, existem profissionais de várias áreas e pessoas de várias idades, o importante é utilizar os espaços da cidade para fazer os desenhos”, reflete Clewton.



Resultado dos desenhos realizados durante um dos encontros do grupo Urban Sketcher Natal na Ribeira



Encontros do grupo pelo RN

Viagens

A cultura dos *sketchers* urbanos está tão presente na vida de Clewton que os cadernos e lápis integram as suas malas de viagem para onde quer que ele se desloque. Ele mantém contato com grupos de vários estados e também de fora do país, o que já proporcionou a sua participação em várias atividades, como encontros nacionais e internacionais, um deles promovido em Curitiba, Paraná, e um internacional em

Portugal. Esse último rendeu a ele a condução de uma oficina no Encontro Internacional dos Designadores de Rua, também promovido em Portugal.

O desenho de observação faz parte do mundo de Clewton desde a universidade, “o homem tem uma natureza cultural e através de seu conhecimento construiu as cidades para satisfazer suas necessidades. Observar as cidades além de um exercício de

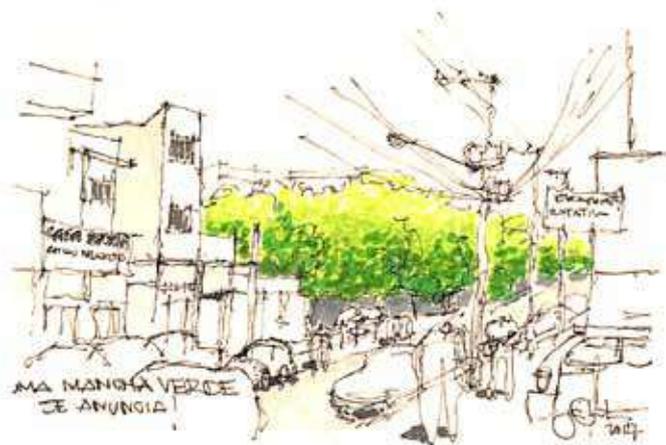
desenho é também um exercício para buscar soluções. É fundamental para o arquiteto vivenciar as cidades”, relata sobre a contribuição da arte para a sua profissão, “ao mesmo tempo que é muito importante estar na rua, estamos cada vez mais presos nos nossos medos. As duas horas de atividade de desenho na rua nos forçam a sair da imposição do tempo acelerado que a vida nos coloca, é um freio”, encerra reflexivo.

O mundo de desenho em desenho

O Urban Sketchers, criado em novembro de 2007 pelo jornalista espanhol Gabriel Campanario, é um movimento sem fins lucrativos que objetiva divulgar desenhos e ilustrações locais para promover a prática do desenho e conexão de pessoas em todo o mundo. O lema do movimento é: “Veja o mundo de desenho em desenho”.



Desenho da Igreja São João Batista – Vila de Ponta Negra. Autor: André Alves



Desenho de Clewton



Desenho de Rafael



Peterson Dantas - Praia da Pipa



Fachada da Escola Freinet. Autor: André Alves



Rendeiras da Vila de Ponta Negra - Peterson Dantas

Manifesto

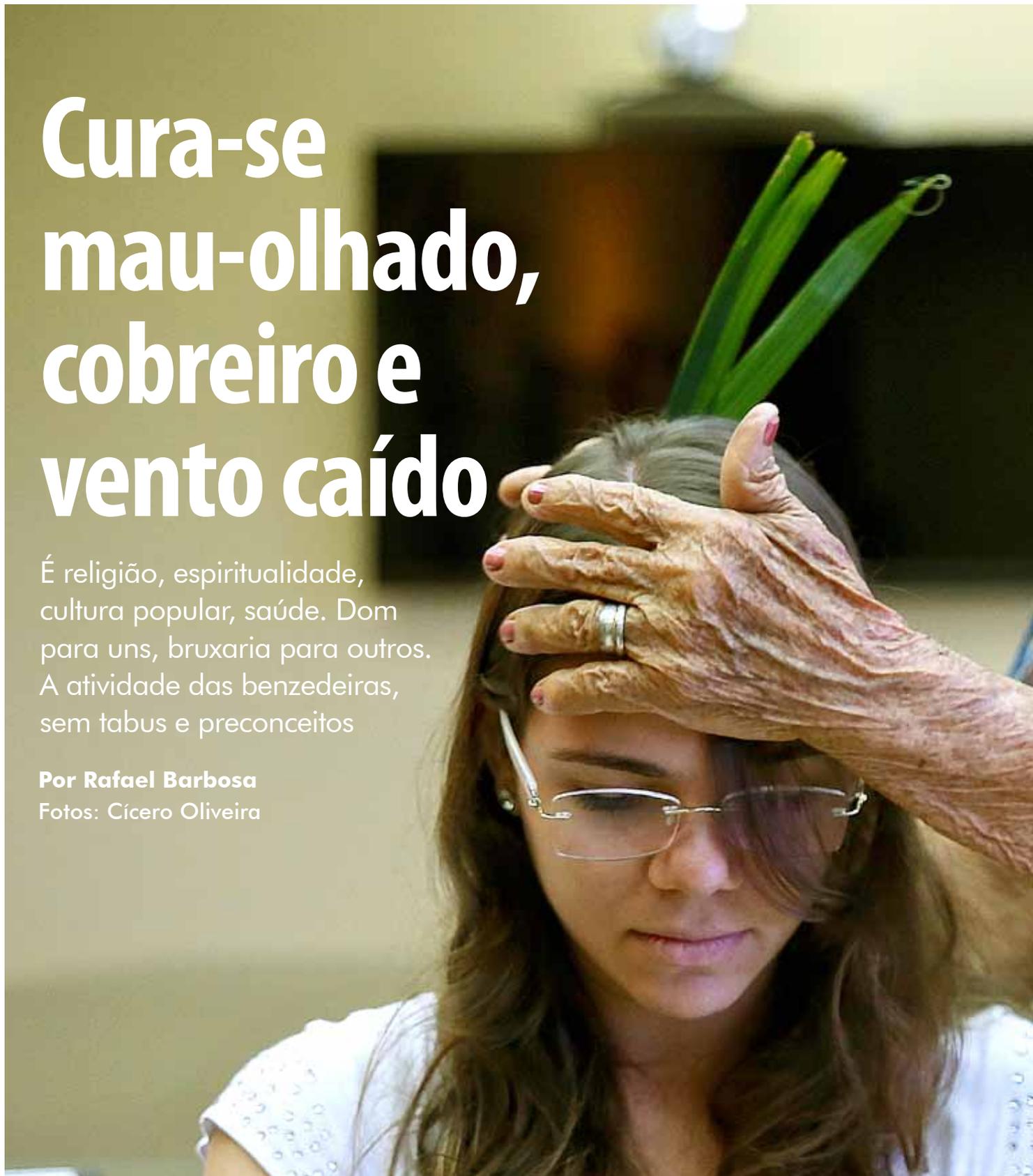
1. Fazer desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos.
2. Os desenhos devem contar histórias do dia a dia, dos lugares onde os praticantes vivem, e para onde eles viajam.
3. Os desenhos são um registro do tempo e do lugar.
4. Os praticantes são fiéis às cenas que estão retratando.
5. Eles utilizam qualquer tipo de técnica e valorizam o estilo individual.
6. Os praticantes se apoiam e desenharam juntos.
7. Os desenhos são compartilhados on-line.
8. Os praticantes mostram ao mundo um desenho de cada vez.

Cura-se mau-olhado, cobreiro e vento caído

É religião, espiritualidade, cultura popular, saúde. Dom para uns, bruxaria para outros. A atividade das benzedei­ras, sem tabus e preconceitos

Por Rafael Barbosa

Fotos: Cícero Oliveira





DONA MARIA AUXILIADORA

TEM 77 anos e cinco filhos - três mulheres e dois homens. Todos nascidos em Natal, apesar de ela ter origem em Paraú, na região Oeste do Rio Grande do Norte. Mesmo morando na capital, a dona de casa preservou um costume que aprendeu no interior: se a criança adoecer e não houver médico que dê jeito, leva à benzedeira que ela resolve. Foi assim com os cinco filhos, e se estendeu para os netos.

Mau olhado, vento caído, cobreiro, não há mal que resista a uma benção, dizem os antigos. A prática tem origem ainda no século XVI, no período colonial, e é resultado do sincretismo religioso, a mistura de religiões cristãs vindas da Europa com as de outros que coabitavam as terras tupiniquins. A escassez de assistência médica no período propiciou o surgimento das benzedeiros e benzedores, que supriam essa carência junto às classes menos favorecidas.

A cura pelo ritual e a reza

A cena é bem característica e paira a memória de quem tem a infância vinculada ao interior do Brasil: as senhorinhas empunhando ramos de planta bem verde nas mãos oram em pedido de ajuda aos enfermos, que à sua frente aguardam pela cura. No Nordeste, a prática é bastante difundida e, até hoje, ainda há muita gente à procura do serviço das benzedeadas.

Quem confirma é Antônia Fernandes Silva, Dona Toinha. Ela tem 93 anos e afirma que, desde que nasceu, possui o dom de curar. “Desde criança o povo dizia que um Pai Nosso que eu rezava, o doente ficava bom”. Ela é católica e, apesar de a prática não ser reconhecida pela Igreja, usa de rezas desta religião para benzer quem lhe procura.

“Vem gente de todo canto, meu filho. Povo de São Paulo, Rio, que tá de passagem por Natal, gente do interior”, revela a senhora, que hoje mora em Parnamirim, Grande Natal, porém, nasceu no município de Caicó, no Seridó potiguar.

Mesmo explicando que carrega consigo de nascença o dom de auxiliar na cura de enfermidades, Dona Toinha conta que somente aos 10 anos de idade aprendeu a benzer. Um benzedor baiano foi trabalhar no sítio em que ela morava, na zona

rural de Caicó, e a ensinou a benzeção. “Ele também queria me ensinar outras orações...de bruxaria, num sabe? Mas eu nunca quis. Só de benzer, mesmo. Sou católica”, enfatiza.

A preocupação de Dona Toinha vem do preconceito que sempre permeou a atividade que pratica desde pequena, pela qual, inclusive, não cobra honorários. Ocorre que a benzeção causa estranheza em muita gente, que a associa a feitiçaria e ritos vinculados a entidades satânicas. A subjugação da prática é tanta que quem procura as benzedeadas e benzedores tem receio de falar sobre o tema e pede resguardo da identidade. É o caso do engenheiro mineiro João Alcântara (nome fictício). Ele afirma que procurou pelo auxílio pela primeira vez há dois anos e, desde então, tem frequentado a mesma benzedeadora, a cada seis meses.

Recorda que também foi levado quando era criança, por parentes, à benzedeadora. Alcântara vem de uma família de Minas Gerais com forte vínculo às culturas e tradições da terra. Além de confiar nas benzedeadas como cura para males da carne humana, diz ele, seus familiares acreditam também na prática da terra benzida, para evitar que bichos como cobras invadam determinados espaços.

“

Vem gente de todo canto, meu filho. Povo de São Paulo, Rio, que tá de passagem por Natal, gente do interior.”

Dona Toinha





Dona Barica,
Cruzeta-RN

Mau-olhado

A causa mais comum da procura pelas benzedeadas, entretanto, pelo menos no Rio Grande do Norte, continua sendo o mau-olhado. Dona Barica, de batismo Maria Salete Carvalho, benzedeira de Cruzeta, município também localizado no Seridó do RN, explica, sob sua crença, que o mau-olhado pode se originar de duas maneiras.

Uma delas consiste na inveja, no chamado olho gordo, quando alguém é vítima de maledicência ou invidía alheia. A segunda,

ela esclarece, provém de um sentimento que pode se fundamentar na bondade. O mau-olhado, apesar do nome, tem possibilidade de se originar a partir de uma grande admiração. Tão grande que acaba enfraquecendo a pessoa objeto de deslumbre. O resultado é mal estar e outros sintomas que se assemelham a o de uma gripe ou virose comum em tempos de verão. No entanto, as benzedeadas garantem que é mau-olhado.

A dona de casa Maria Auxiliadora, única adepta da benzeção

a se identificar à reportagem sem ressalvas, conta que, certo dia, nos anos de 1970, uma de suas filhas foi acometida por uma febre inexplicável. Com o corpo mole, a pequena garotinha, ainda de braço, não conseguiu progredir no quadro mesmo diante da ajuda médica. Uma prima atestou: é mau-olhado. O marido de Maria Auxiliadora então levou a filha a uma benzedeira e, ela afirma, a menina voltou de lá curada. “Voltou nos braços dele, já melhor assim que saiu de lá”, corrobora Auxiliadora.



Dona Barica - que também não cobra por seus serviços - diz que a maior procura é mesmo pela cura do mau-olhado em crianças, apesar de que também há muitos adultos que anseiam pela benzeção. “Se for de curar, eu curo, se for de ir ao médico, eu digo, se for alguma coisa que botaram, eu também digo”, garante, referindo-se na última parte da frase a “trabalhos de bruxaria”.

A cruzetense tem 61 anos e diz que há 35 se tornou benzedeira. A história começou em um período que Barica sofria com uma profun-

da tristeza, não tinha ânimo para realizar as atividades cotidianas e vivia pelos cantos no hospital da região. Constantemente estava sob efeito de medicação. “Foi através de um sonho. Um dia uma mulher chegou pra mim num sonho e falou que meu problema não era de médico, era de reza, que ela era rezadeira e morreu com 104 anos. Disse que eu tinha que estudar isso, pra poder eu me orar, porque senão eu não ficava boa”, relata.

Segundo Dona Barica, na mesma experiência a tal senhora lhe propôs ensinar-lhe a benzeção. “Aí

eu disse que aceitava. Quando amanheceu o dia, não tomei remédio, nem nada. Ela veio me ensinar três dias, o espírito da mulher, a mesma reza que ela fazia, eu ia fazendo. Aí eu aprendi a rezar e rezo até hoje”.

Barica, que também é católica, diz que na cidade há quem se indisponha diante das benzedei- ras, por conta do preconceito. “Mas comigo não tem isso, porque eles sabem que eu só faço o bem, não me envolvo com outras coisas. E o que me dá eu recebo, não sou de cobrar. Porque tem muitas aqui que cobra”, esclarece.



Dona Maurina,
Currais Novos-RN



Vento caído e cobreiro

Dona Toinha diz que entre as crianças também existe a reza do “vento caído”. Consiste também em livrar os pequenos de males que lhes causam sintomas de doença. Essa tem origem em sustos sofridos pela criança.

Para curar, é reza. Dona Toinha explica que para livrar os meninos e meninas do vento caído a benzedeira os coloca de cabeça para baixo, embaixo de uma porta, e reza pela melhora. “Mas a reza

pra mau olhado é uma, e a reza pra vento caído é outra”, observa.

Há ainda quem procure Dona Toinha para se livrar do mal de cobreiro. Trata-se de uma doença semelhante à catapora. “A pessoa pipoca, ficam aquelas pipoca assim no corpo, num sabe? Dá nas partes que a pessoa fica coberta, assim, pela roupa, e se encostar a cabeça com o rabo a pessoa morre. Tem que mandar rezar. Cobreiro é somente reza e repouso”, explica.

Rezando o Credo, o Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha, Dona Toinha e Dona Barica seguem atendendo a quem lhes procura com o anseio da cura. A aposentada Maria Auxiliadora defende que as benzedeiros têm “um dom de Deus”. Fato é que, para além de prestarem o serviço aos enfermos - mesmo sem saber -, elas contam a história da cultura popular do Brasil por meio dos seus ramos e bênçãos.



Beleza e força

Dois dos resultados mais procurados por quem pratica atividade física são o significado da calistenia, mas quem pratica garante que vai muito além

Por Cícero Oliveira
Fotos Cícero Oliveira



Controle corporal acentuado é um dos benefícios da atividade

UMA SEQUÊNCIA DE FLEXÕES, agachamentos, polichinelos, exercícios variados na barra fixa ou nas paralelas. Com essa série de exercícios, um grupo de aproximadamente 20 pessoas se exercita todas as manhãs de domingo em um dos parques de Natal, Rio Grande do Norte. A cena provavelmente passaria despercebida se não fossem pela beleza e o vigor da musculatura dos participantes, todos praticantes de uma atividade física conhecida como calistenia.

O termo calistenia, que tem origem no grego e significa beleza e força, ainda é uma novidade para quem costuma praticar esportes ou fazer alguma atividade física. Embora seja praticada há quase dois séculos e os seus exercícios, de forma isolada, já sejam bastante conhecidos, começou a tornar-se mais conhecida recentemente, e isso se deve em boa medida aos praticantes de outras modalidades esportivas, principalmente aos adeptos da ginástica olímpica.

Assim como em muitos exercícios realizados naquela modalidade, a calistenia utiliza tão somente o peso do próprio corpo como carga para o desenvolvimento muscular do atleta. As atividades podem ser praticadas tanto em academias como em parques, praias ou qualquer área pública destinada ao lazer e às práticas esportivas. Por ter essa ligação forte com os ambientes fora das academias tradicionais, em sua versão competitiva, é também chamada de street workout.



Hidratação e alimentação merecem atenção especial



Exercícios aeróbicos também estão presentes





Vigor físico é um dos objetivos da calistenia

Da Grécia aos novos adeptos

Atividade democrática e de baixo custo, a calistenia vem crescendo em número de adeptos. Para Eduardo Bayerlein, que pratica a atividade há oito meses, “é interessante porque são exercícios com baixo impacto e raramente provoca lesões. Favorece também a perda de peso e a formação de um corpo com musculatura bonita e bem definida”. Alessandra Bayerlein, que pratica a modali-

dade associada aos exercícios em academia, lembra que “proporciona a perda de gordura e o ganho de massa magra, e, além disso, é legal porque todos da família podem fazer ao mesmo tempo”.

Para o instrutor Allan Calafange, “a gente nasceu para fazer movimentos calistênicos, para correr, para saltar, sentar e levantar. A prática desses exercícios de forma mais intensa e sistemática vai nos

proporcionar um excelente fortalecimento muscular, mais equilíbrio e um melhor controle corporal. Passamos a conhecer muito melhor o nosso corpo, e isso associado à força física que ganhamos nos permite a realização de inúmeras atividades de forma mais fácil e prazerosa”. Ressalta a importância dos exercícios calistênicos como base preparatória para atletas de diversas modalidades de esportes:

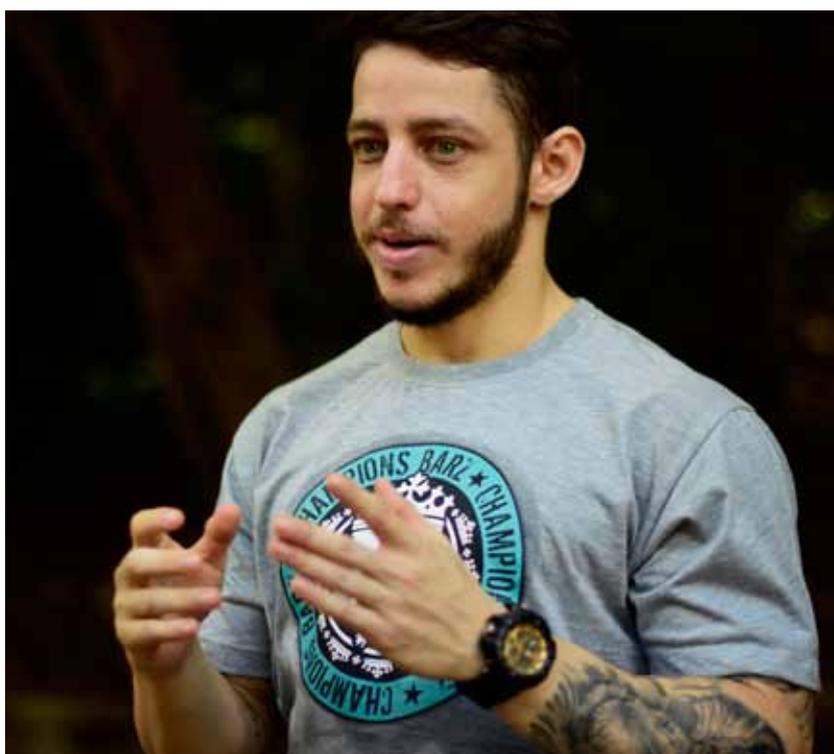


Atividade democrática, é praticada em diversas áreas públicas



“praticantes da ginástica olímpica, da natação e de várias artes marciais utilizam em seus treinamentos uma série de exercícios de calistenia, não só pelo vigor físico que essa atividade vai proporcionar, como também pela questão do conhecimento e controle corporal que será aprimorado”.

“O conhecimento e controle do nosso corpo são fatores determinantes para um menor risco de lesões em qualquer atividade física”, destaca a fisioterapeuta Juliana Dumaresq. Para que isso realmente ocorra, ela lembra da importância de exames de saúde periódicos e do acompanhamento de profissionais da educação física ou da fisioterapia para quem pratica a atividade.



Allan Calafange, instrutor e atleta da modalidade Street Workout

Quando a pele vira tela

Surpreendente e pouco difundida no Brasil, maquiagem artística é a transformação por meio de sombras e pincéis. Profissionais usam as redes sociais para divulgar trabalhos e ganhar adeptos

Por Alice Lima

Fotos: Laura Maquia





TRANSFORMAR A PELE É expressão. Comunica culturas, períodos históricos, tradição, eventos ou até mesmo a mutação em outro ser, real ou personagem ficcional. Transformação e arte são as palavras da maquiagem artística. Pessoas passam à condição de telas vivas e, pelo toque de pincéis, sombras e técnicas de maquiagem surpreendem os olhos acostumados à maquiagem convencional.

Pelos dias que correm, é raro encontrar alguém na rua que fuja ao padrão da maquiagem *batom, pó, blush e rímel*. Normalmente,

as expressões artísticas de cores e materiais em pele ficam restritas a eventos como halloween e carnaval, além das telas de cinema e palcos do teatro. Há quem veja os adeptos como de uma era ultramoderna, mas é preciso lembrar que pinturas no corpo atravessam épocas e civilizações – dos povos indígenas às cortes europeias e seus rostos brancos de outrora. A área, embora pouca conhecida, tem profissionais espalhados por todo o mundo, que apresentam seus trabalhos principalmente por meio de mídias sociais digitais.



Da hotelaria à maquiagem artística

No Brasil, a maquiagem artística ainda engatinha. É o que explica Laura Gallo, napolense que mora em São Paulo e tem canal no Youtube e perfil no Instagram para expor seu trabalho como maquiadora artística. Antes de apostar na nova profissão, ela já mantinha fortes relações com o design e artes gráficas, queria ser artista desde criança, mas trabalhava em algo bem diferente. “Atuei na indústria hoteleira por dez anos, incluindo hotéis em Natal, São Paulo, Washington e Chicago, mas algo parecia estar faltando em minha vida. Ano passado, quando era gerente de recepção em um dos mais famosos hotéis da rede Hilton nos Estados Unidos, decidi largar tudo”, lembra Laura.

Depois de viajar e conhecer vários lugares, na hora de voltar para casa já sabia que não retornaria à rotina que deixou. Assim, começou a ser aluna de curso de maquiagem social e desde então tem uma nova paixão. Contudo, apesar da realização em desempenhar a atividade, não

existem grandes meios de divulgação do trabalho direcionados apenas para esse nicho da maquiagem além das plataformas que já utiliza.

Marcas que produzem para esse mercado também sofrem com esse desconhecimento. Alguns dos produtos vendidos ao segmento são da alemã Kryolan, que devido à alta qualidade também têm alto custo. Opções mais econômicas podem ser encontradas com a Pintakara.

Segundo Laura Gallo, os profissionais da área procuram se ajudar e seu foco tem interesses artísticos de gerar sentimento naqueles que observam suas maquiagens. “Não me fecho a nenhuma possibilidade. Essa coisa de sangue, machucados e tal não são muito a minha praia e infelizmente muito do que é feito no Brasil para TV e cinema acaba sendo isso. Sei fazer e gosto de estudar, mas amo mesmo utilizar meu corpo como um canvas para arte. Amo aprender e admiro todos os campos da maquiagem artística.”

“

Não me fecho a nenhuma possibilidade. Essa coisa de sangue, machucados e tal não são muito a minha praia e infelizmente muito do que é feito no Brasil para TV e cinema acaba sendo isso. Sei fazer e gosto de estudar, mas amo mesmo utilizar meu corpo como um canvas para arte. Amo aprender e admiro todos os campos da maquiagem artística.”

Laura Gallo,
maquiadora

mas amo mesmo utilizar meu corpo como um canvas para arte. Amo aprender e admiro todos os campos da maquiagem artística.”





Processo criativo

Como um processo criativo e artístico, Laura Gallo busca inspirações e tem desenvolvido seu método e estilo nas pinturas. Entre os maquiadores artísticos, admira os trabalhos de Timothy Hung, Vlada Haggerty, Marcio Desideri, entre outros. “As artes, de um modo geral, são o que me inspira. Passo horas admirando

telas, ilustrações e desenhos de outros artistas pelo mundo. Muito do que faço hoje é mais abstrato, no sentido de não ser um personagem que já existe, e é nisso que quero me especializar”, conta a natalense.

Foi por meio do Instagram que começou a postar seus primeiros trabalhos e surpreender os ami-

gos que não conheciam esse lado. Dia a dia, os traços foram amadurecendo e provocam exclamações pela perfeição e pela criatividade. Seu próprio corpo é a tela. Da paisagem de Ponta Negra, praia de Natal (RN), a palhaços, sorvetes, sereia, cigana e zumbi. Cheia de cores, ela surge por meio do aplicativo em suas várias versões.



Marcio Desideri



Timothy Hung



Vlada Haggerty



Sobre a pintura em homenagem ao Rio Grande do Norte, conta que das suas origens saem grandes inspirações. “Natal me inspira com a culinária, as praias, o povo. Sinto muito orgulho de ser nordestina e de poder homenagear a minha terra através de minha arte. Eu posso ir morar no Japão, mas Natal continua dentro de mim”. E pela maquiagem, vê-se que dentro e fora também, para todos verem e apreciarem.

“A primeira foto a fazer mais sucesso foi a com efeito de confete e pele puxada que fiz durante o Carnaval e algumas que fiz para participar de um concurso. Agora, todas as minhas postagens têm mais ou menos o mesmo número de curtidas, o que eu considero um avanço enorme, pois mostra o interesse do público nesse tipo de arte”, comemora.

O processo de criação segue técnicas aprendidas também por meio dos cursos de maquiagem social. A produção começa com um desenho prévio. “É isso que me ajuda a pensar fora da caixa e a criar algo novo a cada maquiagem”.



Casa de especiarias

Mercado Municipal de Brasília é um reduto de sabores do Brasil e do mundo

**Por Camila Pimentel,
de Brasília (DF)**



JÁ IMAGINOU UM MERCADO municipal em Brasília? Pois é, a capital brasileira tem um mercado localizado na W3 Sul, sul da cidade, com boa variedade de produtos de todas as regiões brasileiras. Lugar idealizado pelo empresário mineiro Jorge Ferreira.

Lucas Ferreira é filho do fundador do mercado, que já morreu. Segundo ele, o espaço é fruto da paixão do seu pai por mercados populares espalhados pelo Brasil e pelo mundo. “Ao longo de sua vida, Jorge, meu pai, sempre teve fascínio por lugares como o Mercado de São Paulo, o de Fortaleza ou o de Manaus. Esses lugares englobam diversas culturas de um país ou região sobre um mesmo teto. Por meio da culinária e da cultura popular moldam e ajudam a expressar a identidade das cidades que as abrigam. Visionário e apaixonado por Brasília, ele percebeu que era o que faltava na nossa cidade”, conta.



Fachada do mercado é conservada

O início

Inaugurado em 2006, desde então o mercado não deixa a desejar em nenhum aspecto. Os produtos principais são o bacalhau, queijos que vêm de todo o País e do mundo, especiarias e temperos, além da padaria. E ainda tem frutas, verduras, azeites, peixes e carnes selecionadas.

O Mercado Municipal de Brasília é uma galeria de arte da culinária brasileira e internacional. “Não há cultura predominante. Isso, inclusive, é uma das características que mais nos identifica com Brasília. Somos uma junção do resto do Brasil”, considera Lucas Ferreira.



O JK dos bares

Natural de Cruzília, Minas Gerais, o pai Jorge Ferreira se considerava brasileiro de coração. Chegou à capital federal em 1985. Com a partida, deixou três filhos e dez restaurantes: Gordeixo, Feitiço Mineiro, Armazém do Ferreira, Bar Brahma, Bar Brasília, Mercado Municipal, Bar do Mercado, a loja do Brahma Express da Asa Sul, Trattoria Peluso e Bar do Ferreira. O que nas palavras do poeta baiano Carlos Henrique era o “JK dos bares”.

“Como ele mesmo dizia, “alguns vieram para Brasília em busca de oportunidades, de melhores

condições e de uma nova vida. Eu vim a Brasília por amor”, descreve Lucas sobre o amor do pai pelo Planalto. Mudou-se por causa de Denise, com quem foi casado até morrer, em 2013. Ao chegar à cidade, seguiu carreira de professor de Sociologia, mas o espírito de liderança e empreendedorismo sempre foi mais forte. Percebendo que não havia espaços como os que ele sentia falta, tanto da culinária da família quanto da mineira, abriu na 306 Norte dois restaurantes, que até hoje são considerados pontos tradicionais de Brasília: o Gor-

deixo e o Feitiço Mineiro. Daí em diante ele aprendeu a receita do sucesso. Não abria mais ‘restaurantes’ ou ‘estabelecimentos’... a partir de agora abriria casas”.

O Mercado recebe em média 400 pessoas diariamente. Muitos são turistas que vão apreciar a diversidade de produtos, tomar um chope no Bar do Mercado ou apenas para apreciar a obra de arte que Jorge Ferreira construiu no meio da W3 sul. É uma obra literária que conta a história de cada pedacinho do Brasil com aromas, sons e detalhes visuais.



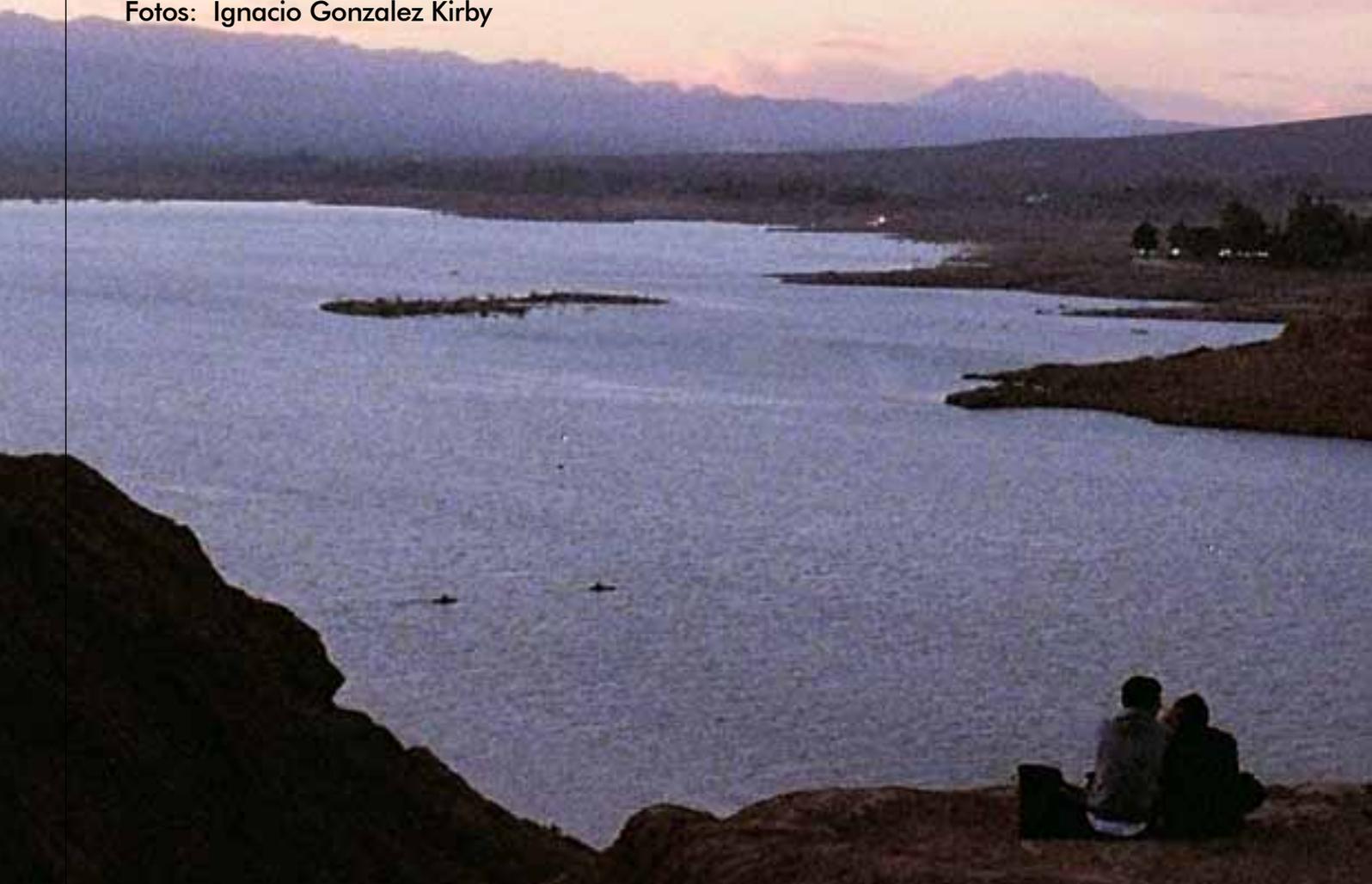
Queijos e vinhos estão entre as maiores procuras de quem visita o lugar

Outro mundo dentro do nosso

Província de San Juan, na região argentina de Cuyo, pertence à zona onde estão os primeiros sinais da chegada aos Andes e tem paisagens dignas de ficção científica. Menos roteiro comercial, mais surpresas da natureza

Por Themis Lima

Fotos: Ignacio Gonzalez Kirby



SEMPRE SE COMENTA QUE o Brasil é um país continental, tão grande que consegue guardar um pouco de tudo, em cultura, paisagens urbanas e naturais. Bem, a Argentina não está longe disso: seus quase três milhões de quilômetros quadrados abraçam cenários tão diversos quanto os nossos. Da Tierra del Fuego, extremo sul gelado do mundo, à fronteira norte de La Quiaca, repousam geleiras, rios, montanhas, pampas, praias (com direito a baleias, pinguins e leões-marinhos), cataratas e arranha-céus. Mas existe um lugar longe dos roteiros de turismo, escondido em uma saída oeste da famosa Rota 40, que é digna de ficção científica.

A província de San Juan, na região de Cuyo, pertence à zona de pré-cordilheira, onde estão os primeiros sinais da chegada aos Andes. A geografia do lugar é totalmente influenciada pela cadeia de montanhas:

camadas de rochas por todos os lados, ar consideravelmente mais seco, invernos brutos e verões escaldantes. O presente que deixa a paisagem, entretanto, é essa configuração rochosa variada e completamente exótica, que faz com que o entorno ganhe ares de Marte.

A 14 horas em ônibus ou 1 hora e 30 em avião de Buenos Aires, cruzando quase o país inteiro, de um braço a outro do sul da América, fica o próximo passo da jornada. Nosso destino está ao lado do Chile, e por isso o sotaque dos sanjuaninos é mais leve e fácil de entender que o espanhol-meio-italiano dos portenhos da capital. O ritmo de vida também é mais calmo, respeitando o mandamento das cidades pequenas, sem sinais de muita pressa. Aqui, a herança espanhola da siesta pós-almoço ainda reina, o que significa que das 14h às 17h é quase impossível encontrar qualquer comércio aberto.



Vista do Dique de Ullum,
um dos mais imponentes
de San Juan

Ao redor da cidade estão os pontos de visita mais alucinantes, entre morros, vales e diques - ainda que sejam estruturas de concreto construídas para abarcar a água proveniente do degelo das Cordilheiras, e que alimenta às cidades e plantações da região, mais parecem enormes lagoas verdes pinceladas entres as rochas.

É válido comentar que San Juan é um dos principais pontos de abalo sísmico da América Latina, por morar à beira de uma placa tectônica. Em 1944 e em 1977 a região experimentou terremotos devastadores, que obrigaram a população a reconstruir cidades inteiras. Mas, calma! Não há perigo da visita se transformar em pesadelo, já que várias medidas de segurança na arquitetura foram tomadas para evitar que as construções voltem a sofrer com esse tipo de problema natural.



Vale do Jachal, um oásis agrícola no meio do clima sanjuanino, seco e montanhoso

Águas de Rodeo, Iglesia, rodeando a cadeira de montanhas de pré-Cordilheira





Vista panorâmica - e analógica - da represa de Ullum: intervenção humana transformada em paisagem natural

Traçando rota entre as montanhas

Um dos destinos mais conhecidos de San Juan é o Valle de La Luna, localizado no Parque Provincial Ischigualasto. O vale é uma formação de argila extremamente incomum, com diferentes camadas e cores. Data da era Mesozóica, e funciona como uma caixinha de memórias do planeta, contando em cada pedaço de sua estrutura a milenar história de movimentos

sísmicos e transformações.

A região de Rodeo, a noroeste da capital da província, também tem experimentado um aumento considerável no número de visitantes. Acontece que a zona abriga o dique Cuesta del Viento: um espelho cor turquesa encrustado a mãos humanas no meio da imponência das montanhas. Mas não é só pela beleza que o lugar vem ganhando

espaço como destino turístico, mas pelas condições climáticas e, principalmente, pelo vento de quase 110 km/h que a posição certa das montanhas fornece, transformando o dique em uma dos maiores pontos de prática de kitesurf e windsurf do mundo. Atletas dos quatro cantos do planeta aportam em San Juan para desfrutar da experiência de voar entre as rochas.

Superfície montanhosa em Huaco, Jachal



Já mais próximo à Cordilheira dos Andes, no extremo oeste do país, está Barreal, um pequeno povoado com ruas de terra, que o abraço das árvores transforma em alamedas. A 1500 metros de altitude, Barreal é casa de um dos principais observatórios do continente, o Complexo Astronô-

mico El Leoncito. A geografia do lugar é ideal para a astronomia: as noites são escuras, sem nuvens, o que faz do observatório um enorme olho aberto, no alto, mirando as minúcias do céu.

A zona ao redor do complexo, por si só, merece um posto na lista dessas paisagens com

cara de outro planeta. O espaço conhecido como Pampa Del Leoncito é uma superfície plana, branca e radiante, que não ostenta um arbusto sequer. É uma espécie de deserto de argila, de solo batido e completamente rachado, dispostos ao longo de aproximadamente 30 km².

Dica

A província de San Juan é pequena: a população é menor que a de Natal, por exemplo - são menos de 800 mil habitantes. Por isso, as opções de pacotes de turismo e hospedagem não são variadas. Ainda assim, são mais que o suficiente para garantir um passeio inacreditável. Na verdade, não possuir um turismo tão estruturado se transforma em uma vantagem, já que os preços são acessíveis e o excesso de oferta não se transforma em dor de

cabeça para o turista que está buscando um pouco de paz e tranquilidade.

Uma dica bacana é se hospedar na capital da província, a cidade de San Juan, que dispõe de hotéis, pousadas, albergues e quartos disponíveis no Airbnb, e se transladar daí aos pontos de aventura. A condição das estradas também permite o acesso fácil às paisagens, sendo, inclusive, o aluguel de carro uma excelente opção para quem busca liberdade no roteiro.



Pacata San Juan, capital da província de mesmo nome, à beira dos Andes



Huaco, Jachal

As paisagens surreais de San Juan são uma espécie de registro da mais antiga história, de rochas e pedras que calcaram a narrativa lenta do mundo. E, ao passo que fala do tempo mais velho, expõe o tamanho paradoxo do homem, passeando pequeno entre as montanhas de calcário, e insolente, cavando lagoas no chão. Desviar dos roteiros mais comuns, fugir dos esquis da Patagônia ou dos tangos da cidade, pode apresentar aos olhos do turista novos mundos dentro do nosso.



Fim de tarde em Rodeo, paraíso dos ventos em San Juan

Mochila nas costas e bebê na barriga - Parte 2

Para quem subiu ao trem em movimento, vale à pena explicar a jornada: eu comecei uma aventura a três (papai, mamãe e bebê), rumo a uma nova vida, longe do estereótipo de família de comercial de margarina, num pré-natal totalmente aventureiro. Com poucas certezas e muita vontade, demos o primeiro passo fora do Brasil em Buenos Aires, e, em seguida, avançamos em direção

ao Chile. A missão era conhecer o oeste argentino enquanto a barriga começava a tomar forma, a roupa a não entrar, e a mochila a começar a ganhar sapatinhos de bebê.

San Juan é roteiro-tema do segundo relato. Para ler um pouco sobre a experiência na capital argentina, acesse o site da Revista Bzzz e confira o começo dessa história.





NO GRAU

Quando os óculos de grau passam de necessidade a acessórios de moda

Por Vânia Marinho

QUEM SE LIGA EM tendências já deve ter observado que os óculos de grau estão saindo dos esconderijos para dar um up no visual de mulheres e homens. As mulheres maduras aderiram e aproveitam para usar óculos como acessório fashion. Um ótimo exemplo pode ser visto no red carpet, quando a atriz Merluza Strep fez questão de usar óculos chiques e em harmonia com o seu rosto. Por falar em atriz, não é difícil vermos nos sites fotos de atrizes globais, jovens ou maduras, a bordo de belos óculos de grau.

Jornalistas, repórteres e apresentadoras surgem no vídeo usando o acessório necessário. A editora e apresentadora do Jornal Nacional Renata Vasconcelos também já apareceu na bancada de óculos de grau. Tendência super aprovada no mundo da moda e no mundo empresarial.

Para saber melhor sobre a tendência do uso de óculos de grau, em diversas idades, conversamos com o empresário e ótico Walde Faraj. Afirmou que uma armação adequada pode, sim, valorizar o rosto de uma mulher madura, criando o seu estilo e sua personalidade. As armações caminham junto ao mundo da moda. O ótico diz também que jovens estão fazendo questão de usar para dar um toque de «estilo».

Alguns procuram armações de acordo com o formato de rosto e estilo, já outros querem algo mais forte, com cores, enquanto há ainda os que desejam armações mais discretas que apareçam menos, tudo isso de acordo com a personalidade de cada um.

Neste momento é importante a consultoria do óptico que exerce exatamente esse papel de trabalhar a adequação da armação a cada rosto, estilo, personalidade. A harmonia é a tradução deste conjunto. Walde lembra que no mercado não existia muita variedade de armações masculinas, mas agora esse público pode sentir-se mais moderno usando óculos “estilosos”. As crianças também querem estar na passarela e agora entram na onda das armações “descoladas”.



Na sombra do sol

E para quem mora na terra do sol, vale um lembrete: óculos de sol são fundamentais, principalmente para aquelas pessoas que usam lentes de contato. Segundo Walde Faraj, óculos de sol que harmonizem com o rosto podem ser além de um belo acessório, um escudo contra poeira e sal.

Vantagens de ter uma

CIE 2017:



- ✓ **A única com base na legislação federal**
- ✓ **Meia-entrada garantida por lei, nacionalmente**
Lei 12.933/2013 | Decreto 8.537/2015
- ✓ **Meia-passagem**
Transporte Municipal
- ✓ **Segurança física e digital**
- ✓ **Descontos especiais em:**
Saúde, Educação, Alimentação, Lazer, Academias e Variedades

Lembrando que a sua situação deve estar regular em 2017, na instituição de ensino, para poder realizar a solicitação.

Faça já a sua. Acesse:
www.portaldouestudentenatal.com.br



(84)3216 - 8482



NatalCard



@natalcard



VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com



Lábios definidos

Estamos sempre querendo novidades, ainda mais nesta era digital onde tudo acontece muito rápido e está em constante transformação. E sempre atendida nas novas tendências que surgem a cada dia, lá fora e aqui no país, a Vult acaba de lançar mais cores de batons. A recém-lançada linha de batons mate da Vult, que já é queridinha dos consumidores, acaba de ganhar mais oito cores, e a linha clássica com acabamento cremoso mais quatro, com opções que combinam com todos os tons de pele.



Colorido

As variedades de cores e texturas de esmaltes estão tomando conta do mercado. Depois da Vult, chegou a vez da Nati, com coleção assinada pela naildesigner carioca e youtuber. Trata-se da nova linha Cola na Vilar para todos os gostos e estações.



Agasalhando

As jaquetas são as estrelas da temporada, emprestando um toque estiloso a looks clássicos ou modernos. Versáteis, elas abrigam do frio ou simplesmente são usadas em tecidos mais leves, só. Para compor o visual.



MAMMA MIA

A empresária e estilista Juraci Lira, a convite do consulado italiano, realizou desfile no Palácio da Cultura, em Natal, sede da Pinacoteca. Sucesso de crítica e público. A Vogue italiana ficou de olho.



Alicia Vikander vestindo Louis Vuitton (Foto: Getty Images)

Liga da justiça

A personagem da Mulher Maravilha continua "causando". Apenas cinco dias após a estreia do filme, uma boa novidade: aconteceu em Paris um leilão de peças de 42 marcas de luxo, entre elas Stella McCartney, Kenzo, Lanvin, Versace, Louis Vuitton e Karl Lagerfeld, todas inspiradas no ícone americano. Os recursos foram destinados ao apoio a mulheres africanas através da fundação LemLem, fundada pela modelo Liya Kebede.

NINGUÉM MERECE OUVIR NOTÍCIA CHATA NA VOLTA PARA CASA.

Mude de companhia no começo da noite.

Esqueça o trânsito parado
e os problemas do dia-a-dia
sem deixar de saber o que é notícia.

Você tem o direito.

Ninguém precisa ser chato
para lhe contar o que está
acontecendo.



ELIANA LIMA



CIRO PEDROZA

BATE PAPO NA CIDADE

Segunda a sexta

18h

Notícia com inteligência, interatividade, bom humor e sem chatice.



Participe: **9 8181 9720**  #batepaponacidade



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

Compactos, mas com conforto

Sim, é um desafio, mas é possível transformar pequenos espaços em locais charmosos e confortáveis para se viver





MORAR EM PEQUENOS ESPAÇOS está cada dia mais em uso nas grandes cidades e nos centros urbanos. Ter um local agradável próximo de tudo é hoje uma das saídas para muitas pessoas que trabalham e precisam se deslocar todos os dias.

As cidades crescem, deslocam as pessoas para áreas afastadas e esse é um processo natural nos grandes centros. Um imóvel em bairros consolidados é uma realidade cada dia mais distante de muitos. Existem opções que podem ser a saída para quem não quer ir para muito longe, que são as moradias em pequenos espaços.

Hoje, o plano diretor exige uma área mínima 30m² de construção quando o assunto é habitação. Em uma área central, próxima a shoppings, centros de comércio e empresas, surgem unidades tipo flats, quitinetes, lofts e os espaços denominados de estúdios, cada um com suas características, porém com um ponto em comum: o pequeno espaço.

Os estúdios modernos normalmente oferecem espaços comuns sociais e lavanderia, como também serviço de diarista. Por estarem em locais estratégicos, as pessoas se submetem ao espaço reduzido. Em compensação, investem em seu interior com soluções inteligentes de funcionamento e que deixam o ambiente muito bem decorado, sofisticado e charmoso.



Ambientação para apartamentos pequenos exige muita criatividade e domínio de como torná-lo mais espaçoso. As cores são fundamentais e a proporção dos móveis é de grande importância. Espelhos são ótimas opções, iluminação indireta pode ampliar e deixar mais aconchegante. Usar poucos móveis é uma sugestão, mesmo sem ser minimalista. Peças que tenham dupla função e outras que se encaixam são uma boa saída.

Podemos encontrar opções para todos os gostos. Morar em um estúdio é um estilo de vida. Geralmente, são pessoas que vivem sozinhas ou, no máximo, um casal. Perfil flexível mais que tradicional. Não vejo casais que estão começando uma vida juntos e que pretendem ter filhos morando em um estúdio, pois crianças precisam de espaço.

Sabemos que ter espaço em casa é muito bom, mas que estar próximo de onde trabalha ou de onde tudo acontece é melhor. Então, vale abrir mão desse conforto e resolver a vida com sabedoria em locais pequenos.

Os estúdios não são interessantes para as construtoras. Geralmente são unidades existentes que se transformam para atender a essa demanda e dessa forma as cidades vão crescendo e com isso construções já existentes vão se transformando para acolher a população que pretende não sair das áreas centrais. Isso tem acontecido em áreas próximas a universidades. Casas estão se transformando em unidades múltiplas para receber jovens estudantes. Infelizmente as construções desse tipo têm se tornado um problema, uma vez que não se têm projeto e não são regulamentadas, o que pode colocar em risco a vida das pessoas.

Para os arquitetos é um desafio. Para os clientes uma surpresa quando percebem as soluções de aproveitamento do local, que por ser bem pequeno (cozinha, quarto, sala e banheiro, tudo junto e misturado). Com projeto, criatividade, bom gosto, temos no mercado empresas de móveis que desenvolvem peças de mobiliário pensando nesse público. Elas surpreendem e muitas vezes deixam as pessoas impressionadas com as soluções.



ALAVANTÚ

Fotos: João Neto

Com o mar de Areia Preta e da Via Costeira de testemunhas, Yuri Bagadão e Thiago Freire pilotaram no Restaurante Tábua de Carne o concorrido Arraia do Tábua, em Natal. Noite de charme e muito forró.



Yuri Bagadão e Thiago Freire



Tásia Barreto e Carlos Eduardo



Roberta Serquiz e Sidney Fonseca



Natasha e Abílio Oliveira





Clarissa e Thiago Freire



Michelle Jerônimo e Ézio Costa



Sonal Rosado e Ricardo Santos



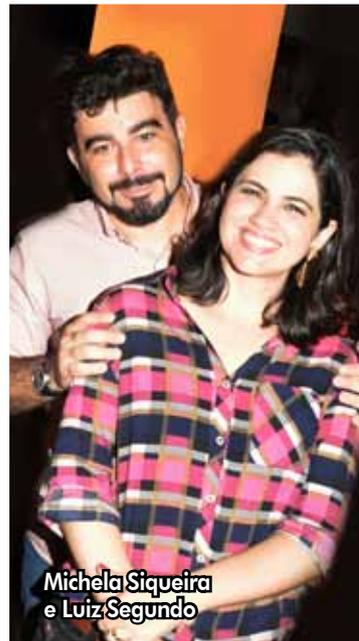
Flávia Pípolo e Yuri Bagadão



Tereza e Aníbal Rebelo



Patrícia e Leon Ferreira



Michela Siqueira e Luiz Segundo



Luciana Ribeiro e Marco Aurélio



Isis Nóbrega e Flávio Lucena

HERMANOS

Fotos: Paulo Lima/Brasília

As comemorações em torno dos 201 anos de independência da Argentina tiveram brindes no Brasil. O embaixador Carlos Magarinós, ao lado da embaixatriz Belen di Paolo, abriu os salões em Brasília para celebrar em grande estilo. Ocasião prestigiada, contou com presença do chanceler brasileiro, diplomatas, políticos, juristas, militares e socialites. Noite portenha com direito ao tradicional show do tango argentino



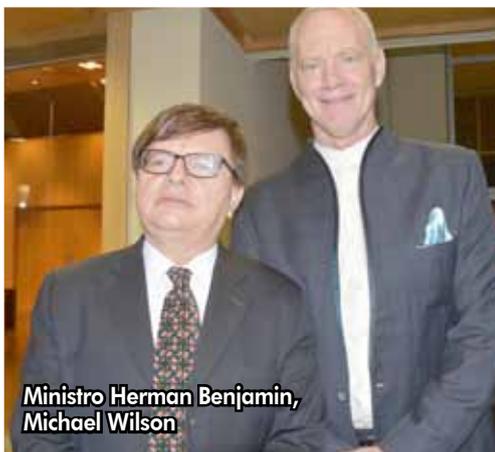
Os anfitriões com o embaixador Michael e Fátima McKinley, senador José Medeiros, Ruth Medeiros



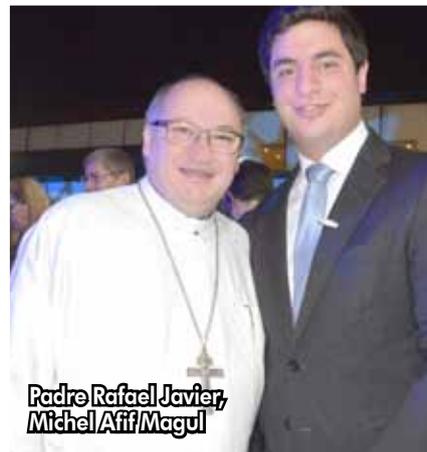
Embaixador Carlos Magarinós e Belen di Paolo recebem o ministro Aloysio Nunes



Niky Fabianci, embaixador Arne Hjelmborn e a embaixatriz Pernilla Lazo



Ministro Herman Benjamin, Michael Wilson



Padre Rafael Javier, Michel Afif Magul



Embaixador José Antônio Marcondes e Patrícia Calisto



Equipe de funcionários da Embaixada



Débora Xavier, Ana Tereza Meirelles

“O FOCO AGORA É CUIDAR BEM MELHOR DO PARNAMIRINENSE.”

Júlia Ferreira - Diretora Geral / Maternidade Divino Amor

Pensando em aperfeiçoar os serviços para a população de Parnamirim, a Prefeitura está realizando treinamentos de qualificação dos servidores. São oficinas de capacitação para profissionais de saúde e uma série de encontros que avaliam as escolas públicas, enfatizando a melhora do ensino. Um novo tempo com um novo foco: cuidar bem melhor do parnamirinese.



**PREFEITURA
DE PARNAMIRIM**
Cuidando de você.



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

¡Muy ricas!

BUENOS AIRES E SANTIAGO ESTÃO ENTRE OS DESTINOS MAIS PROCURADOS PELOS POTIGUARES QUE BUSCAM LAZER NO EXTERIOR. A PRODUÇÃO DE VINHOS PREMIADOS E A GASTRONOMIA DE PRIMEIRA SÃO DUAS DAS MOTIVAÇÕES PARA A PREFERÊNCIA, REFORÇADA PELA FACILIDADE DOS VOOS E PELO VALOR DAS TARIFAS. DE FATO, AS CAPITAIS ARGENTINA E CHILENA TÊM ATRATIVOS DE SOBRA. MUITOS DELES, COMO DITO, ESTÃO SOBRE A MESA.

Buenos Aires

EL BAQUEANO | Numa esquina despretensiosa do bairro de San Telmo, o chef Fernando Rivarola serve menu harmonizado com sete etapas usando diferentes carnes – jacaré, lebre e alpaca, por exemplo – e vinhos. \$\$\$\$\$



ELENA | Longe das calçadas, no interior do Four Seasons, a casa oferece ambiente moderno e sofisticado e cortes nobres portenhos, desde a carne seca envelhecida à de Kobe. Tudo preparado na grande parrilla. \$\$\$



Santiago

99 | O charmoso bairro da Providência abriga o laboratório gourmet dos chefs Kurt Schmidt e Gustavo Saez. Da cozinha aberta, saem os menus com três ou cinco passos, usando ingredientes pouco convencionais. \$\$\$



AMBROSIA | A casa comandada por Carolina Bazán é rodeada por jardins e fontes que acolhem os visitantes. Carne de pato e de porco são comuns em seus menus, que unem métodos franceses e ingredientes chilenos. \$\$\$\$



DE FRENTE PARA O MAR E O VERDE

Oportunidade de morar em uma cobertura duplex no bairro de Petrópolis, em Natal, na Av. Hermes da Fonseca



Apartamento com três quartos - sendo duas suítes, um com varanda -, dependência de empregada completa, duas grandes salas. **São 149 m² de área privativa**



Informações Edvanildo:
(84) 98166-2547 / 98629-2181



A aniversariante brinda com as 15 melhores amigas



Fernanda no momento valsa com o pai Paulo Henrique Braga

NOITE DE PRINCESA

Fotos: Augusto César e Andreia Carla

Em noite de conto de fadas, Maria Fernanda Galvão Braga celebrou 15 anos no Versailles Recepções, em Natal, com os mimos dos pais Thaísa Galvão e Paulo Henrique Braga. A decoração foi toda pensada pela aniversariante, afinada com a arquiteta-decoradora Vanessa Borges. O bolo levou a assinatura da mais-mais Tereza Vale. E os doces da também mais-mais Rafaela Fontes. Cerimonial de Markus Guedes



Hora dos parabéns com as palmas orgulhosas dos pais



Momento lindo da aniversariante



Delícias com o capricho Versailles



O abraço de Julita e Janaína Amaral Mulatinho



Cheia de estilo: Simone Silva



No making of eterniza ocasião única com a mãe Thaísa Galvão



Lembrança para as 15 amigas com mimo Marja Andrade, doces Rafaela Fontes, caixas Firulas



No comando dos drinques Oito Coquetéis



Lá vem ela



No palco: Giullian Monte e a Banda Grafith



Mesa poderosa: Cláudio Porpino, Marcelo Alecrim, senadores Garibaldi Filho e José Agripino, João Maia e Shirley Targino, Denise Alves, Elinor Alecrim

PARABÉNS

Fotos: Paulo Lima/Brasília

A escritora e advogada Clotilde Chaparro festejou mais um ano de vida com um sorriso estampado no rosto, reunindo familiares, amigas e amigos em um requintado almoço na Churrascaria Steak Bull, e que contou com a presença de mais de 100 convidados. Clotilde, conhecida como Clô, é pura solidariedade, amizade e amor ao próximo.



Os anfitriões com o embaixador Michael e Fátima McKinley, senador José Medeiros, Ruth Medeiros



Kátia Kouzak, Eliane Ulhôa e Beatriz Schwab



Maria Reis, Carmen Minuzzi, Aurinete Leite e Guida Carvalho



Marisa Macedo, aniversariante e Lúcinha Itapary



Márcia Rollemberg e Cosete Gebrim



Raílda Azevedo e Jacira Abrantes



Sentadas, Marleninha de Souza e Iara Castro. Em pé, Jacqueline Magalhães, Carmen Bocorny e Leila Chagas



Sentadas, Mari Vianna e Bernadete Alves. Em pé, Mônica Cruz e Rita Márcia Machado



Sentadas, Ana Cecília Fagundes e Márcia Rollemberg. Em pé, Maria Olímpia Gardino e Ivelise Longhi

DA TRADIÇÃO À **INOVAÇÃO.**

Com uma nova identidade visual e um site repleto de conteúdo para proporcionar vantagens exclusivas, a **PREFEITURA DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE** está sempre em busca das novidades para todos os são-gonçalenses presenciarem um novo mundo com o que há de mais moderno para o desenvolvimento: a **inovação.**



APLAUSOS, POR FAVOR

Fotos: Sérgio Noizat

A Vogue italiana convidou a estilista potiguar Juraci Lira para assinar em Natal o evento que a revista promoveu no Brasil, com produção da Câmara Italiana de São Paulo, que considera Juraci autora de peças que estão no mesmo nível de badalados designers italianos. A ocasião também celebrou os 50 anos de atividade dessa autodidata que completou 60 de vida. Na passarela, suas clientes, em noite no Palácio da Cultura



Juraci Lira recebe aplausos



Juraci é aplaudida por Lígia Godoy



Cortejo do casamento: Lizandra Mendes, mademoiselle Adja, daminha Ana Júlia, pajem Benjamin, noiva Sânzia Mendes



Cônsul honorário da Itália no RN: Rino Bordogna



As clientes



Apresentadora e cantora Priscilla Freire



Alda Oliveira



Olga Pinto



Nina Salustino



Amanda Pontes



Vânia Gonçalves



Raíssa Lisboa



Jéssica Tatanni



Maria Lenice Salustino



Carol Machado



Luciana Souza



Magna Letícia



Rachel Ramalho



Ana Cecília



Sueli Lemos



Fernanda Fernandes



Letícia França



SOBRE SILÊNCIOS, DORMIMOS TODOS OS DIAS

Queria falar do pão de queijo que quase pedi na padaria hoje pela manhã, em vez disso, o de sempre, por favor. Queria falar da temperatura da água nesses últimos dias. Queria falar da consistência do café, da extinção precoce do açúcar em uma dieta impossível e da nossa falta de olfato para as confrarias de vinho. Você me diria e por que não falar dos planos para um natal isolado e um ano novo sem dinheiro, clichê alert. Da decoração da sala? Nem tentaríamos. Tentáculos ansiosos na garganta. Da estante e um método para catalogar livros? Decidiríamos: das coisas que a gente não esconde no porão. É disso que devemos falar. Isso é uma

pergunta? É tão bom quando a gente se entende no silêncio.

Tenho esquecido meus pontos de interrogação em casa, é a pressa, mas antes. Sabe quando uma flor se despedaça e é a única do buquê a cair quando todas fazem seu papel no palco muito bem? Sabe quando os talheres etiquetadamente encolhidos ao lado da louça de prata do século dezenove te interrogam com as pontas? A vida, sabe? Essa estranha combinação entre deuses e medo, sabe? Sabe o pênalti que passou pelo goleiro contra o Uruguai na década de cinquenta? Seu Barbosa o nome dele. Sabe a janela que só abre quando a primavera finge aparecer? Sabe o espaçamento

exagerado que o seu TOC percebe e não vai salvar o mundo? Sabe a margem que você mediu corretamente? Sabe todas as palavras que você planejou falar? Fico meses escrevendo um poema que não serve de pagamento para uma ressonância, ai, minha lombar. A louça cheira e preciso me levantar para ir à cozinha. Enquanto eu procuro o detergente ou um assunto para este texto, um menino de dez anos descobre que as cidades astecas foram construídas como espelhos de constelações. Quem dera descobrir os segredos dos astecas, das cidades, dos espelhos, a cidade gritando entre o podcast e um anúncio no youtube. Quem dera. Mas quem sabe.





CÂMARA CIDADÃ

A CASA DO POVO JUNTO A VOCÊ.

O programa Câmara Cidadã aproxima o Legislativo natalense da população. Os vereadores debatem nos bairros e aprovam projetos que vão transformar a nossa cidade, além de atividades sociais, culturais e esportivas realizadas com o apoio de parceiros. **Quem ganha é o cidadão.**



 /camaranatal
 @camaranatal
 @camaranat



A CASA DO POVO, & SUA CASA.

ACESSE
www.cmnat.rn.gov.br
ASSISTA TV CÂMARA
Canal 51.4 (Digital aberto)
Canal 10 (Cabo)

Um mar de charme

*Venha a São Miguel do Gostoso e descubra
o encantamento da Pousada dos Ponteiros.*

*Cheia de charme, repleta de verde, conforto e atendimento especial.
Aproveite a piscina de areia compactada, que remete ao mar das Maldivas.
Saboreie nossas delicias e brinde à felicidade de frente pro mar
deste paraíso chamado Gostoso.*



Enseada das Baleias, 1000 - Praia do Maceió - São Miguel do Gostoso/RN
www.pousadadosponteiros.com.br / reservas@pousadadosponteiros.com.br

📍 Pousada dos Ponteiros 📱 #pousadadosponteiros

(84) 99157-5874 / 99118-0661 / 99951-0029 / 3263-4007



PONTEIROS
POUSADA